

Ressaca Literária

ANO 5, Nº 10. OUTUBRO, 2021

revista de poesia, prosa et cetera



EDIÇÕES ANTERIORES





Para Início de **CONVERSA**

Chegamos a 10ª edição da Ressaca Literária. Já faz cinco anos de produção de textos em prosa, poesias, ensaios, artigos de análise e crítica literária, também na área de cultura e outras artes, a partir de uma ótica interdisciplinar.

A revista foi idealizada pela turma do 1º Período de 2017 do Curso de Letras da UnirG. Desde a abertura de sua primeira edição, a revista busca promover a leitura e a escrita, ampliar as pesquisas, produzir conhecimento e adensar a capacitação profissional no âmbito das Letras, formando egressos com expertise investigativa, propositiva e interdisciplinar no campo da linguagem, da literatura, da cultura e imaginário, do reconhecimento da pluralidade, da valorização da identidade e das artes em geral. Produções marcadas pela constante participação acadêmica e pela criatividade de todos os envolvidos.

Além disso, a revista revelou vários poetas, contista e demais escritores no cenário acadêmico das Letras.

Estamos felizes pela calorosa acolhida de todos os leitores, poetas e colaboradores. Desta feita, apresentamos o conteúdo da 10ª edição da Revista Ressaca Literária, que contou com a participação de poetas e escritores, acadêmicos e professores.

Iniciando com a Ressaca de Leitura, que traz a análise do conto machadiano *A Sereníssima República*, por Fabiano Donato Leite. A Revista traz os trabalhos iniciais de prosa dos acadêmicos: Marcos Cerutti, Brunno Sousa e Luiz Fernando Macedo. Na sequência, leremos ainda as produções poéticas dos estudantes do curso de Letras.

Já na coluna de Teoria Literária, nossos leitores irão familiarizar-se com o poeta Manoel de Barros, o menino que carregava água na peneira, apresentado pela professora Maria Wellitania.

No Espaço Acadêmico Autobiográfico trata-se da vida e trajetória de uma professora, ex-acadêmica do curso de Letras, Ilcemara Regina Iensem Farençena, professora de Literatura Brasileira desta universidade. A coluna Entrevista traz mais uma personalidade da Academia Gurupiense de Letras, parceira de nossa

instituição, nela conheceremos um pouco da trajetória do jornalista, professor e poeta, Gilberto Correia da Silva (Gil Correia), membro titular da cadeira 10 da AGL. A coluna Marulhos Literários traz como sugestão de leitura a obra de Carolina Maria de Jesus, *Casa de Alvenaria* - Volume 1 e 2. A coluna Literatura Tocantinense diz respeito especificamente a obras produzidas de teor regional. Este número também evidencia as obras *Histórias da História de Gurupi*, de Zacarias Martins e *Tipos de rua*, de Juarez Moreira Filho.

Na coluna Produção Acadêmica toma-se conhecimento de trabalhos produzidos pelos acadêmicos a respeito de obras e autores de nossa e de outras literaturas. Nesta edição destaca-se a obra de Patativa do Assaré, sob o olhar crítico de Valdemiro Gomes de Sousa. Na coluna “Outras Artes” ocorre o diálogo entre Literatura e outras expressões artísticas, onde lê-se a análise da egressa de Letras Isabelle Neves e do professor Felipe Neves sobre a tela de Salvador Dali *Os Cisnes Refletindo Elefantes*. Lê-se também, a análise do nosso egresso Thallison Assunção, a respeito do filme *Sociedade dos poetas mortos* e, ainda, a história cultural dos “Caretas de Lizarda”, por Domingas Santana. Na coluna Melopeia e Tradução encontra-se letras de músicas brasileiras traduzidas para o Inglês. Neste número, temos a música *O mais feliz da vida*, de Rodrigo Lemos, traduzida pelo Prof. Jack Barbosa. Encerrando, a coluna Curiosidades Literárias, o leitor terá conhecimento de aspectos da vida e da obra de autores atuais ou não de nossa ou de outras Literaturas. Enfim, num processo de permanente diálogo através das múltiplas linguagens, a Revista vai desenvolvendo sua história de contribuição literária com a comunidade, despontando e valorizando os talentos acadêmicos através da expressão artística e da linguagem conforme anunciado pelas exigências da graduação em Letras.

Boa Leitura a todos!

Wellitania Oliveira

Nossa capa



revista de poesia, prosa et cetera



NOSSA CAPA: Luiz Fernando Macedo de Araújo
Título: Sobre o toque das ondas II
Dimensão: 0,40 x 0,30 m
Técnica: Acrílico sobre tela



Luiz Fernando Macedo Araujo é artista plástico, desenhista e acadêmico do 4º período do Curso de Letras da Universidade de Gurupi (UNIRG). Desde criança foi incentivado pela mãe a expressar seus sentimentos por meio da arte. Começou com desenhos simples e, aos poucos, foi aperfeiçoando sua pintura. Hoje Luiz pinta telas com a sensibilidade de quem faz poesia, põe na composição das tintas a mesma suavidade com que toca a tela com os pincéis. Luiz diz ser apaixonado por desenhos e pinturas e busca sempre melhorar a sua técnica.

Nossa equipe



PREFIXO EDITORIAL: 922619
NÚMERO ISBN: 978-65-00-30017-8
TÍTULO: Ressaca Literária Nº 10
TIPO DE SUPORTE: papel
VEICULAÇÃO: Físico

PRODUÇÃO: Curso de Letras - UnirG
DIREÇÃO: Maria Wellitania Oliveira

UNIVERSIDADE DE GURUPI - UNIRG

Presidente:

Thiago Piñero Miranda

Diretor Administrativo Financeiro

Oximano Pereira Jorge

Reitora:

Dr^a. Sara Falcão de Sousa

Vice-Reitor:

Prof. Me. Jeann Bruno Ferreira da Silva

Pró-reitor de Graduação e Extensão:

Prof^a. Dra. Rise Consolação Luata Costa Rank

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação:

Prof. Dr. Fábio Pegoraro

Coordenadora do Curso de Letras:

Prof^a. Ma. Maria Wellitania de Oliveira

Coordenadora de Estágio:

Prof^a. Ma. Lucivânia Carvalho Barcelo

COORDENADOR DE REDAÇÃO:

Victória Reginna Soares Cavalcante

REDAÇÃO/TEXTOS/FOTOS:

Brunno de Sousa e Silva

Domingas Santana dos Reis

Fabiano Donato Leite

Felipe Oliveira Neves

Ilcemara Regina lensen Farencena

Isabelle Alves Neves

Jeremias Silva Pereira

Marcos Gonçalves Ceruti

Milena Castro Milhomem

DIAGRAMAÇÃO:

Natan Fernandes

PROJETO GRÁFICO:

Wellitania Oliveira

REVISÃO/REVISÃO:

Ilcemara Regina lensen

Farencena

IMPRESSÃO:

Gráfica Modello

TIRAGEM:

100 exemplares

CONTATO:

ressacaliteraria2017@gmail.com

WHATSAPP:

(63) 98427-7656 / 3612-7521

Rua F, quadra 30, lote 14 nº 90,

Gurupi – TO – 77405-330

SUMÁRIO

PARA INÍCIO DE CONVERSA	03
RESSACA DE LEITURA	06
NO CAMINHO DA PROSA	08
ONDAS DE POESIA	14
TEORIA LITERÁRIA	20
ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO	24
ENTREVISTA	26
MARULHOS LITERÁRIOS	31
LITERATURA TOCANTINENSE	32
PRODUÇÃO ACADÊMICA	33
OUTRAS ARTES	36
MELOPEIA E TRADUÇÕES	44
CURIOSIDADES LITERÁRIAS	45

RESSACA DE LEITURA

EM TEMPOS DE INSANIDADE REPUBLICANA OU DONA CULPA MORREU SOLTEIRA



Por Fabiano Donato Leite

Tema sempre atual continua a ser a narrativa A Sereníssima República, conto espetacular de Machado de Assis contido na obra Papéis Avulsos.

Neste texto, ironia e acidez artísticas combinam-se muito afinadamente para resultarem numa história que deixa bem evidenciado o fato de que os desmandos na coisa pública nunca possuem culpados. Machado de Assis tripudia dos comportamentos de algumas autoridades numa república de aranhas, demonstrando com seu talento narrativo que na ficção, assim como na vida real política, o tratamento dado às instituições republicanas quase sempre é leviano, eivado de intenções subjacentes ao que convém às autoridades políticas e mascarado de hipocrisia com faces de leis e condutas.

Numa fictícia comunidade de aranhas, um cientista dominador usa dos artifícios da linguagem destas mesmas criaturas para induzi-las a se congregarem entre si. Fatos extremamente irônicos o uso da linguagem pelo dominador e a imposição de todo um mis - em - scene para tornar os aracnídeos submissos ao poder tirano de um chefe. Não seriam todos os governos e regimes encenadores destas embromações com que iludem seus

governados?

E estas aranhas, verdadeiras fabricantes de teias, redes de comunicação causadoras do controle social? Nota-se bem clara e criticamente a postura machadiana de criticar os arranjos discursivos dos donos do poder que, uma vez servindo-se destes artifícios maléficos de dominação das massas, fazem da comunicação social engodo para escravizar nas teias enredeiras de seus discursos ocos a população alienada. No conto, o cientista prestidigitador, espécie de mago ilusionista da multidão dos insetos veste-se garbosamente e adota uma postura de semideus com que traz as aranhas presas à sua suprema dominação.

Extravasando de ironia, o autor do conto diz que “Não bastava associá-las; era preciso dar-lhes um governo idôneo.”. E ainda a seguir, “... todos tinham contra si o existirem.” (p.149)

Observem que o fato de o dominador querer dar à comunidade governada ares de idoneidade é algo sempre pretendido, não importando que ideia faça tal dominador do que seja idôneo. Machado de Assis mostra nesta atitude que diversas vezes, os mandatários do poder republicano criam ou tentam criar subjetivamente o conceito da coisa pública de acordo com suas próprias convicções, misturando assim, à revelia

da opinião popular suas crenças pessoais às normas constitucionais da nação governada por eles. É algo como dar à República, à Coisa Pública o verniz de minhas ambições e valores. Cada um que governa atribui a si mesmo o condão opressor de mostrar quais os valores que devem ser impostos ao povo. E isto, frequentemente é feito por meio da alienação popular, da negação da cultura das gentes e tendo como veículo o medo, como mostrado na narrativa pelo ato de as aranhas temerem tanto ao cientista que chegam a tê-lo como seu deus. Mitificar é sempre um grande atrativo na coisa republicana. Pelo menos até que se descubra como Nabucodonosor, que a estátua de bronze e ferro tem sempre pés de barro.

Mas, de volta às aranhas machadianas e sua república de emaranhados atualíssimos, chega a hora das eleições para escolha dos representantes da dita coisa pública. Sucessivas vezes ocorrem tais eleições, sem grandes transtornos, porém com o passar do tempo, caem as mesmas eleições em vícios, as chamadas falcatruas para com a coisa pública. E a narrativa segue de fraude em fraude, sempre deixando claro para o leitor e por que não, para os eleitores que os remédios adotados para acabar com a corrupção são ineficazes, uma vez que operam nos galhos, mas como na mitologia grega ao tratar dos trabalhos de Hércules, em que o semideus corta, mas não cauteriza a cabeça da Hidra de Lerna, o eleitorado não retira as raízes da corrupção? Machado pontua com muita maestria o fato de que na República há muitas desculpas para os vícios eleitorais e que não adianta atribuir culpa ao sistema se os cidadãos republicanos não cuidarem de corrigir

a praga republicana das conveniências do poder político e econômico.

Em determinado momento, Machado de Assis chega mesmo a criticar acidamente, como era muito de seu talento irônico, a necessidade que muitos dominadores tentam negar de seus governados questionarem os desmandos republicanos. “Infelizmente, senhores, o comentário da lei é a eterna malícia.” (p.152). Reparem que o trato da coisa pública se baseia nos termos de quem domina, como se fosse regido pela lei do mais forte, para quem as coisas estão bem para si, os demais que se calem. Muito atual esta crítica machadiana.

Narrativa profundamente atual nestes dias de sucessivas remexidas na coisa pública brasileira, principalmente naquilo que tange às normas eleitorais de nosso país. Narrativa cheia de interpretações possíveis e de comparações plausíveis. Narrativa reveladora da capacidade machadiana de fazer rir e pensar até o leitor mais azedo ou menos crítico. A Sereníssima República continua sendo um grande libelo contra aquelas pessoas que se utilizam da fraude para governar seus subalternos. Em tempos de insanidade republicana, está na hora de nossos leitores enxergarem por meio do riso, da ironia e da seriedade machadiana um caminho que os leve a pensar na República como algo vivo, dinâmico, coletivo, fruto de esforço conjunto da população para viver, sobreviver e fazer história longe da fraude, longe da irresponsabilidade para com a vida social e em harmonia completa entre republicanos e ambiente. Machado de Assis mostra magistralmente os defeitos republicanos e condena esta República sob as leis da conveniência, uma vez que ela gera a morte da vida social e leva o cidadão à irracionalidade, à violência e ao oportunismo político.

NO CAMINHO DA PROSA



A MENINA SEM COR

Por Marcos Paulo Cerutti

Há findáveis milênios, quando o céu nunca se apagava, e os colossais dragões das eras chamuscavam o sopro dourado da vida e da forma, pela terra disforme e fúnebre. Quando o primeiro homem e mulher, filhos da primeira castanheira da vida, com sangue de seiva e ouro fervente, de cabelos pretos-prateados, de pele de terra fértil e olhos alvos, criaram todas as criaturas, como suas próprias criações, nascidos e gerados pelas suas significâncias, originam-se das palavras escritas nas castanheiras da vida.

E da significância do branco nasceu, abriu os olhos celestes, ecoou o choro e cresceu, e vives.

Na vastidão da floresta amazônica, onde havia aromas doces e viventes em criação e em existência, que adentravam as narinas e preenchiam a alma, com animais belos e coloridos, emergidos e emergindo, que cantavam e encantavam os ouvidos, de plantas e frutos saborosos e melosos, dos sabores e saberes, que explodiam sensações na boca, lá e cá morava uma pequena indiazinha, meiga e corajosa.

Pela manhã, ela devorava os raios de Kûara, que a fazia companhia até seu retorno aos astros, onde pequenos novos universos nasciam com a chegada dos vagalumes no céu, para lutar contra os demônios da noite, mas o seu grande amor era humilde e majestosa, brilhava uma luz prateada e embriagante, seu nome era Jaci, era sua única e eterna amada.

Em uma noite estrelada, Iãmá, deitada sobre o mar de capim-dourado, que tremulava com o dançar dos ventos, no cume da montanha de Anhagá, olhou para a extensão de cores e formas do mundo sob os seus pés, e as que ainda estavam em nascença, que era iluminado pelo brilho leve de Jaci, e perguntou a sua amada.

Oh, meu satélite da minha existência. -- pegou um molho de capim e jogou aos ventos. --Todas as coisas são exuberantes em cores e formas... -- os fragmentos dourados do capim bailavam no ar, e a luz prateada fazia-os cintilar. -- Eu sou sem cor, alva como leite... -- olhou para a palma de sua mão direita, onde suas veias douradas reluziam fortemente. --Minhas raízes sob minha pele branca, onde está a seiva da vida, estão expostas, como um peixe em águas rasas e transparentes.

-- Meu Ipê Branco, tu és belo e único em todos os universos que existem e irão existir. -- disse Jaci, em tom calmo e amável, emanando vida e sonhos aos seres terrenos e astrológicos.

Iãmá, não acreditando nas palavras proferidas de sua amada, e saiu em uma viagem, onde procuraria por sua cor, nas vastidões criadas e as que recebiam o fogo dourado da vivência.

Uma vez nas margens do rio Amazonas, em uma noite nublada e sem a luz de sua amada, Iãmá encontrou com a grande cobra de fogo, que cuspiam olhos flamejantes na água, que ardia em fogo

dourado, fazendo um mar de pequenas bolas cintilantes, que iluminavam quilômetros rio adentro, dançando em harmonia com as correntezas.

Oh, grande e singular ser de chamuscas! -- ajoelhando-se na areia fria e úmida. -- Tu que nasceste dos dragões dourados, que sopram vida pelo mundo, sabes de tudo e de todas as eras que já existiram. --a grande serpente a fitou com seus olhos em brasa. -- Onde posso encontrar minha alma? Pois, nasci da palavra branco.

Pequena criança, tu és o que é... --vomitou o último globo em fogo. -- Não podemos mudar quem somos, apenas resta nos amar. Tu és a unidade que nasceste, sendo diferente de qualquer coisa que existe ou existirá.

A grande cobra rastejou para as entranhas da mata, deixando um caminho em chamuscas, que revitalizava tudo o que tocava, nascendo plantas e musgos.

Vagando entre as árvores na bocada da noite, lã má encontrou uma gigantesca castanheira de folhas luminosas com cores em azuis, amarelas, verdes e douradas, que em seus galhos haviam incontáveis seres e coisa ainda em formação. Em seu tronco havia palavras em dourado que criavam vida e forma, em conformidade com o significado que lhes era atribuído.

Ela viu uma coruja-interestelar, em um tronco baixo, que acabara de criar vida, tinha penas pretas absolutas com milhares de pontinhos brilhosos. Com um assovio agudo, a ave foi ao seu encontro, com um voo majestoso e rasante.

Uau, que ser magnificamente tu és, mulher de pele branca. -- disse a coruja ao pousar.

lã má contou sobre a sua busca por sua essência, e a coruja disse.

Tu és de sua própria essência, diferente da minha e de outras que viram... -- abriu as asas, revelando as constelações, que estavam a bruxulear. Tu és o que te faz ser o que tu és, bela e harmoniosa como só tu podes ser.

lã má não convencida com as palavras da coruja, pegou uma cabaça com tinta dourada e escreveu a palavra "cor" em sua pele pálida, e abraçou o tronco da castanheira. Houve um enorme clarão, que expulsou a escuridão por alguns instantes.

Depois que a cegueira momentânea passou, lã má olhou para suas mãos que ainda estavam alvas como leite e perguntou a filha da árvore da vida, qual era o motivo de ela estar do mesmo jeito, e a castanheira disse-lhe.

Tu és bela e singular na forma e cor que estás e estarás... -- as criaturas e formas nos troncos estavam fixadas na indiazinha branca. Tu foste concebida e criada como um ser único e extraordinário, como todos são e serão, seja nesse universo ou em infinitos outros, minha pequena.

Desconformada com a impossibilidade de ser igual a ninguém, a jovem índia voltou aos campos dourados, que eram raiados pelo calor e brilho de Kûara, fazendo um mar áureo, que balançavam aos ventos.

Lá de cima viu a vastidão do mundo, e notou que cada coisa era como era, no qual existiam suas diferenças que as tornavam iguais.





PELA FAMÍLIA

Por Bruno Sousa

A família sempre vem em primeiro lugar. Esta é a grande lição deixada por nossos pais, nossos avôs e bisavôs. E nós, que somos o último

nó dessa longa linhagem, sempre cumprimos com o dever de sustentar e amparar todos os membros da família, não importa quantos pecados tenham cometido.

Nossa prima Justina, fruto do pecado de nossos antepassados, um fardo também herdado, continua sendo bem acompanhada pelos que restaram. Mesmo que ela seja o epicentro de toda a nossa corrupção e o principal motivo que condena nossas almas ao inferno, nós cumprimos com o nosso dever. Afinal de contas e apesar de tudo, ela é sangue do nosso sangue.

Ontem foi o dia em que renovamos os nossos votos de fidelidade. Nessa ocasião geralmente organizamos a cerimônia no interior, na pequena casa de campo que está no nome da família há gerações. Prima Justina não vai. Dessa vez, a casa da cidade ficou aos cuidados de Tadeu. Ele tranca as portas depois que todo mundo vai embora e se assegura periodicamente de que a casa não será invadida por delinquentes. Foi contratado há seis meses e é de nossa inteira confiança.

Antes de contratarmos alguém, principalmente na importante função que Tadeu exerceu, nós pesquisamos todas as informações disponíveis sobre a vida pregressa do candidato. Queremos alguém com um perfil

muito específico: que não tenha família, que não tenha vícios, que seja de poucos amigos, ou melhor, que não tenha nenhum. Esses são os melhores funcionários, porque vivem vidas anônimas. E Tadeu era tão perfeito que até parecia ser de mentira.

Naquela manhã, o deixamos com prima Justina e fomos para a casa de campo. Agora, eu não estava realmente lá para descrever com precisão o que aconteceu, mas conheço bem a forma como ela opera e conheço também a personalidade de Tadeu, de modo que consigo criar um cenário plausível de como tudo ocorreu dessa vez.

As empregadas terminaram de limpar a casa e foram embora. Tadeu começou a trancar as portas e se assegurar de que não havia ninguém na casa. Depois de ter apagado todas as luzes e trancado todas as portas, ele se dirigiu satisfeito para a porta da frente; mas quando estava prestes a pisar os pés na soleira ele ouviu, vindo do lado de dentro. O som de quatro batidas ligeiras na porta.

De início deve ter pensado que era sua própria mente lhe pregando uma peça, afinal, tinha certeza de que a casa estava completamente vazia. Mas aí escutou mais uma vez e mais alto do que na primeira vez, quatro batidas ligeiras na porta — TUM TUM TUM TUM — e então endureceu. Sei que não era um rapaz corajoso, na verdade, até me surpreendo com o fato de que ele não ligou de imediato para a polícia, ao invés disso, decidiu voltar e conferir. Provavelmente deve ter dito em voz alta enquanto caminhava “Tem alguém aqui ainda?” e como resposta ouviu, no fim dos degraus, vindo de dentro daquele quarto que

sempre ficava trancado, daquele quarto que os patrões lhe disseram que era só um quartinho de guardar tranqueira, novamente, o som das quatro batidas na porta.

Prima Justina sempre foi uma mulher sutil, elegante. Ela não é de fazer estardalhaço. Sabe que não precisa de muito para deixar os homens que enviamos do jeito que ela gosta. Com os pelos da nuca eriçados, o calor subindo no peito e o coração acelerado. E certamente era assim que Tadeu estava quando desceu os degraus, repetindo todas as falas do roteiro: que iria chamar a polícia, que estava armado, que era melhor a pessoa se entregar de livre e espontânea vontade.

Prima Justina bateu a porta mais uma vez, com ainda mais força, por puro efeito dramático. Às vezes ela gostava de brincar um pouco. Tadeu parou a poucos centímetros da porta e repetiu o discurso, suando frio. Os porcos sempre guincham no abatedouro e tentam fugir porque sabem o que está prestes a acontecer, mas Tadeu era menos que um porco, já que naquele ponto ainda tinha a chance, mesmo que pequena, de escapar (privilégio esse que o porco não tem), porém não o fez. O que ele fez de verdade foi se entregar a uma onda de adrenalina e dar um chute na porta.

O trinco rompeu e a porta escancarada revelou um quarto escuro, que como lhe foi dito anteriormente, estava cheio de tranqueira. Móveis quebrados, pilhas de papéis amarelados, cortinas rasgadas. O que ele deve ter achado estranho era que tudo estava amontoado no centro do quarto, como se fosse uma espécie de toca ou um grande ninho. E o cheiro do lugar, o cheiro devia ser insuportável. Ele deve ter olhado ao redor e, não tendo encontrado nenhuma alma viva, já ia se sentindo um pouco mais

aliviado, embora não menos atento. Foi nesse momento, quando estava prestes a voltar, que ele viu surgir das sombras do teto, pela primeira e última vez, o membro mais antigo e ilustre da família. Prima Justina, longos e finos braços e pernas, escalando feito uma aranha a parede do quarto, fitando com os olhos cegos e esbranquiçados, sentindo o calor da presa fácil, abrindo um sorriso de dentes negros e podres, se preparando para dar o bote. E quando a hora chegou, Tadeu, que era menos que um porco, sequer teve tempo de gritar. Como havia lhe dito, minha prima é uma mulher que sabe manter os bons modos à mesa.

Se ficou preocupado com o nosso destino, fique tranquilo, creio que não seremos acusados de nada e é certo que ninguém vai dar falta do rapaz. Era um anônimo, sem família, sem amigos. Um peso morto na sociedade.

Hoje iniciei uma nova seleção de funcionários. Daqui há seis meses a família vai se reunir novamente. Prima Justina não vai. Nós vamos beber, vamos orar e vamos perdoar uns aos outros. Pois somos todos parte de uma mesma família, e tal como nossos pais, avôs e bisavôs nos ensinaram — a família vem sempre em primeiro lugar.





Fonte: Escola Educação. Campo de concentração Auschwitz

1944

Por Luiz Fernando Macedo

2 de setembro de 1944, há exato um ano para o final da Segunda Guerra, no sul da Polônia ficava o maior e mais temido campo de concentração, desembarcando ali milhares de judeus, sem delongas ao adentrar os portões não eram tratados como gente, mas como animais, uma raça inferior, danificados, forçados a trabalhar até a morte, eram jogados em grandes covas com outros que não resistiram ao inferno formado sobre a terra. Esperança? De fato, não havia ali, apenas dor e um gélido ar de tristeza. Almas que antes sonhavam, agora morriam dia após dia, agonizavam em seu próprio sangue derramado por cães famintos, escoraçados como porcos, as pessoas morriam lentamente, eram torturadas da pior maneira, devoravam seus sonhos e esperanças.

Edgar, um agente da SS, por fora era

igual a todos os outros nazistas, famintos pela dor que causaram aos judeus, bem vestido, um olhar frio, por dentro, chorava de desespero, vendo a crueldade que o ser humano carregava no coração, na alma. Apenas 20 anos e já tinha visto o inferno no olhar do homem e o diabo em suas atitudes. Era apenas um garoto, chamado para servir ao seu país. Grande parte dos prisioneiros tinham o dobro de sua idade. Mas ele não compartilhava os mesmos pensamentos dos outros soldados, se sentia angustiado, aquele sentimento gritava dentro dele.

Como poucos guiou seus pensamentos tornando-os esperança, tomando a decisão de ajudar as pessoas a saírem dali, não seria fácil, pelo contrário, seria a missão mais difícil de sua vida, mas não importava, ele queria e fez seu plano.

Todas as noites traçava as linhas a serem

seguidas com um dos prisioneiros, com todo cuidado, guiava os prisioneiros, passando seu plano para eles, exigia que tudo fosse igual ao que conversavam, com isso não haveria erros ou desconfiança, como todos ali já estavam debilitados, orientava-os a se fingirem de mortos, então com o raiar do dia ia buscar o corpo e jogar fora, mas isso nunca acontecia, sempre levava para um lugar seguro. A cada pessoa salva a cada risco que colocava sua vida, ele sabia que estava fazendo o certo, salvando inocentes de um futuro cruel.

Era uma tarefa difícil e perigosa, mas Edgar estava disposto a salvar quantas vidas fosse possível, queria tirar aquelas pessoas das mãos dos nazistas.

Em uma dessas suas tramoias se apaixonou, por uma jovem, loira, de olhos claros com um sorriso tão lindo quanto às estrelas, mais delicada que uma camélia,

não tinha como não se encantar pela bela moça. Seu nome era Ayla, como muitos ela estava no seu limite, mal conseguia se manter em pé, levada a uma cabana onde todos os fugitivos ficavam até recuperarem. Edgar fazia questão de deixar lá sempre cheio de comida, boa água e roupas novas.

Dois semanas se passaram até Ayla conseguir ficar em pé sem tanta dificuldade, Edgar ia à cabana sempre que possível, estava apaixonado e queria ter certeza de que a moça estava bem, mas era muito perigoso ela continuar ali, e ele sabia, já que os policiais olhavam tudo, todas as semanas.

Mais do que todo o risco que já sofria, decidiu tornar-se um foragido da SS, juntou todas suas coisas e fugiu com a linda moça, não se sabe para onde, tão pouco se foram pegos, porém nunca mais ouviu-se falar dele, apenas histórias de sua grandiosa coragem.



PORTA ABERTA

A porta está aberta tão larga e atraente, por ela vou adentrar! Já posso ver tudo que do outro lado vou encontrar.

Vejo tanto amor, tanto calor e emoção, a alegria em união com a paz, meus olhos se enchem de contentamento, posso sentir o cheiro das mais lindas flores o som dos mais encantadores pássaros, o afeto a união e o amor tocam minha pele como sua brisa de vento, é ali que quero entrar!!!

Meus pés correm em direção aquela porta, mas meus pendentes já adentraram antes mesmo do meu corpo. Estou a um passo, o corpo anseia por todo aquele amor, vibra para receber toda aquela alegria e paz, desejo de unir pensamento com o corpo, sentir na carne o que a alma já está vivendo. Mas, de repente, tem algo mais... A porta se fecha, some, desaparece!! Como assim? Não entendo estava ali diante dos meus olhos, procuro desesperadamente por ela. E me pergunto, onde ficou todo aquele amor, toda aquela alegria e união?

Por que é tudo tão frio e distante? Por que estamos sempre com pressa e aflitos por coisas superficiais? Por que a cada dia nós perdemos mais?!

Rita Márcia Pereira Soares



ONDAS DE POESIA

MINHA SENHORA

Matheus Nunes

Não caminhe para tão longe, minha senhora,
deixe-me ficar próximo de ti,
como se fôssemos as águas de rios que se
encontram.

Caminhe para perto do seu garotinho,
não precisa temer beijos roubados,
pois fui ensinado que o amor é conquistado.
Entenda, o amor que emana de você,
é o meu único refúgio dessas sombras
que caminham como nós.

Cuide de mim,
porque sou apenas um garoto apaixonado,
de corpo magricela, e de voz rouca.
Enquanto você, é uma mulher esbelta,
que causaria inveja na La Gioconda,

tão inteligente, que Sócrates ficaria de
queixo caído.

Sou um simples camponês,
enquanto seu belo espírito carrega um
ducado inteiro.

Então, minha duquesa, não me deixe fora
da sua vista

e nem do seu grande coração.

Apenas quando os teus lábios tocarem
os meus, saberei que sou amado!

Assim que tirar as suas vestes conhecerei
o panteão, e o beijando cultuarei
plenamente a deusa.

Vamos não tema, minha senhora,
o amor é o pão e nós os miseráveis.

QUARTETOS*Bruno Sousa*

1.
O delírio no teu olhar
O breve toque da tua mão
Faz bater em descompasso
Faz nascer a inquietação
2.
Somos eternos em instantes efêmeros
Marcados na partitura do tempo
Juntos, uma sinfonia, cheia de êxtase e euforia
Que ecoará até o fim dos dias
3.
Não há nada depois
que anule o peso do agora
Nem caverna que te proteja
do cair desta chuva.
4.
É uma fera furtiva
Que durante o dia se encolhe
e durante a noite percorre — uivando em desespero
Procurando — quem no breu se mantém
5.
Onde está o Astro Rei?
Se não no espaço, foi repartido
E fragmentado, repousa escondido
no labirinto do teu espírito
6.
Separados por um muro de vidro
Vejo, não ouço, nem toco
Ela, adormecida em berço de ébano
Sonhando o mundo nos braços de Afrodite
7.
Um ladrão chegou sorrateiro
Vestia pele de cordeiro
Levou tudo o que conseguiu
e escondeu atrás de um espelho negro
8.
Perdido entre as sombras da caverna



Retraído — chora miúdo num canto qualquer
Tentando achar no abismo fundo
Uma pálida memória da luz

9.
Da fenda ouvi um grito gutural
A terra tremeu e então avistei
Mil cavalos cegos, trotando em trovoada
Na direção daquele som

10.
As armas e os homens reunidos
Todos sentados na pedra partida
Caçam no céu uma estrela escondida
Para acertar-lhe uma bala maldita

11.
A resposta se esvai num tiro seco
E o que resta é um corpo no chão
A sua carne no bico do abutre
No seu cérebro um formigueiro

12.
Lancei com o olhar um grito
Que carregou uma proposta
E recebi como resposta
Apenas dois olhos de vidro

13.
Esses olhos de vidro
Lançaram-me ao fundo abismo
Onde dancei com a escuridão
Que alimentava a minha ilusão

CAMINHO

Amanda Guimarães

O meu coração sempre há de bater,
como um barco partindo no mar,
o meu caminho me levou até aqui
e aqui agora estou esperando sussurrar.
As ondas grandes apagam meus caminhos,
mas nunca irei esquecer que sempre
estive lá.
Olha só, está aqui, mas não aqui!
Está lá nas ondas do teu olhar.



OLHOS MEUS

Aline Sousa Milhomens

Olhos meus, olhos meus
Vejo as coisas realmente como
Elas são?
Posso ver o vermelho da crista do galo
E achar que é um pano vermelho.
Que doideira isso pode ser.
Que doideira isso pode ocorrer.
Vejo algo mas é outro
Tudo pode mudar?
SIM!
Basta a minha expectativa mudar.

Nem sempre aquilo que vejo é
Posso ver uma garota mas de trás dela
Posso também ver um garoto
Posso ver uma criança brincando
Não só com um brinquedo, mas sim vários
deles
Basta minha expectativa mudar
Que vejo tudo mudar.

Chego então à conclusão que basta minha
expectativa mudar
Que posso ver ali, outro além
Tudo pode acontecer se eu parar para
observar
Não só uma parte mas um todo no geral.



TO SIR, WITH LOVE (DEAR PROFESSOR)

Geova Rodrigues Pinheiro

You are a masterpiece
Who has taught us the true meaning of
peace
You always greet your students with a kind
smile upon your face
No matter if your job seems to be a grueling race.

I see that money is not your motivation,
but the love you feel for what you do
It is like you've heard a really special calling
to which you always will stay true
My dear professor, you are special and my
role model
When I become a teacher, your way of
teaching
will reflect in my teaching style.

Of all the professors I have ever had,
you are the best from my perspective,



you really stand out among the rest
For you have worked hard day and night
To make me bright.

I'd like to thank you for being an inspiration
Thanks for all the students to whom
you have provided knowledge and
education
I made this poem to tell you
that as a teacher you are number one
Because, in flying colors, your job has been
done.

BORBOLETAS

Odair Carvalho

Eram mariposas verdadeiras,
criadas por intermédio de artifícios,
contrabandeadas que já não constam
em meu sistema e nem fazem parte
do meu corpo.
Já não as sinto com o mesmo
exacerbo de antes,
sem os referidos que não sei
se matavam ou me ressuscitavam
dessa melancolia fúnebre.



O ENGANO

Nicole Ferreira Barros

Nessa vida há muitos enganos e desenganos,
doido é quem pensa que só há flores,
pois na vivência há dores,
causando desenganos e clamores.
Engana-se quem pensa que na vida só há
tristeza,
mas, se abrir a janela da alma
para o que importa, verá beleza.
A beleza da vida está nos momentos simples,
nos abraços, dengos e aconchegos.
O dever do homem é distinguir o momento
tanto do amor, quanto da dor
para não ter arrependimento.
Uma era que se fala muito sobre empatia,
mas muitos têm o prazer
de machucar com palavras frias,
causando dores, e feridas no próximo,
sem nenhum tipo de remorso.
Há pessoas tão iludidas e outras tão frias,
umas vivem no país das maravilhas



e outras só fazem armadilhas.
Os amargurados totalmente desenganados,
só pensam em amargura,
pois acreditam que suas almas não têm
cura.
Já os enganados viajam sonhando
acordados,
sonhando com um mundo melhor,
nunca pensam o pior,
só querem amar e ser amados.

UPS-A-DAISY

Ana Paula Soares Marinho

Maybe I can do all the things I want to do
Maybe I can be the person I want to be
Maybe I can wait for the future with patience
Maybe I can be happy for existing
But I don't think things are that easy
'Cause I'm drowning in feelings that
I can't control so I'm falling
I'm falling in an abyss in which
I can't see any light
But I don't give up
'Cause I don't need any light, I shine for myself.



ÁLCOOL EM GEL

Jeremias Silva

Eu trago uma mensagem
Escrita no papel
Eu passo álcool em gel

Uma mensagem que te define
Escrita no fanzine
E fala de prevenção
Para evitar uma frustração

Fica ligado porque somos muita gente
E se cada um fizer a sua parte
esse vírus não vai para frente.



SEM MODERAÇÃO

Milena Castro Milhomem

Cobranças são feitas
O temp o todo,
TODO Tempo,
Seja por você, seja pelos outros...
Insatisfação
Por...
Se sentir sempre em
Procrastinação,
Essa Romantização do
P
A
D
R
Ã
O
De exaustão
Gera muito
Descontentamento,
Desprazer,
Desse jeito,
Olha... É melhor
Desacelerar
Para reiniciar
E assim conseguir continuar.

NAÏVETÉ

Jack Jake

Long sleeves
Standing with my pet peeves
And that picture of Fall is coming.

In need of peace tomorrow
Innermost, could steal it or borrow
Whatever is easy, I'm roaming.

What can I say that minds?
It doesn't matter, I'm blind
Or color-blind, by far.
Moving about aimlessly
Like a hobo, fool and silly
A door not left ajar.

Feel the rumble of that old train
I yearn here for the rain
That still longs to come down.

No fellow spirit in the end
For I know Beatrice will not change
When green shall turn to brown

TEORIA LITERÁRIA

MANOEL DE BARROS, O MENINO QUE CARREGAVA ÁGUA NA PENEIRA



“Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando eu era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto. Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos.” (Manoel de Barros)

O poeta Manoel Wenceslau Leite Barros nasceu no dia 19 de dezembro de 1916, em Cuiabá, Mato Grosso, onde passou toda sua infância. Quando adolescente, mudou-se para Campo Grande, estudou num Colégio Interno. Depois foi para o Rio de Janeiro, formando-se em Direito. Apesar de ainda pequeno escrever poemas, foi em 1937 que Manoel de Barros publicou sua primeira obra, Poemas concebidos sem pecado. Também fez o curso de artes plásticas e de cinema nos Estados Unidos. Morou e publicou algumas de suas obras em outros países como Portugal, Espanha e França.

Pertencente à “Geração de 45”, Manoel de Barros foi um escritor modernista, com uma linguagem simples, coloquial e poética, “a poesia contemporânea colocou a liberdade no próprio corpo da linguagem” disse Gaston Bachelard (2005, p.11).

Para Bachelard poesia é liberdade, pois a sua linguagem além de permitir o deslocamento no tempo e no espaço oferece soluções para situações complexas e reflexões carregadas de sentidos reais, proporcionando o autoconhecimento. Dessa forma, a poesia surge “como um fenômeno da liberdade” que possibilita

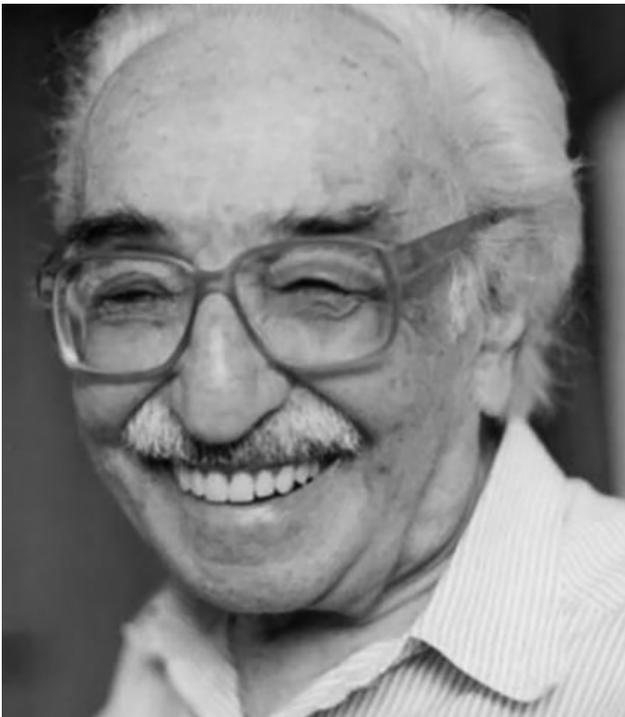
a criação e recriação de imagens e palavras.

Considerado um dos maiores poetas brasileiros, Manoel de Barros recebeu diversos prêmios literários, com destaque para o “Prêmio Jabuti”, o qual o poeta ganhou duas vezes com as obras *O guardador de águas* (1989) e *O fazedor de amanhecer* (2002).

Dono de um universo onírico, a poética de Manoel de Barros tem influências surrealistas. Os principais temas abordados em sua poesia é o cotidiano e a natureza. Sua escrita é marcada pela criação de neologismos, também pela ludicidade com que o poeta “joga” com as palavras.

No poema *O menino que carregava água na peneira*, é possível perceber o que caracteriza o fazer poético de Manoel de Barros. Ele começa dizendo:

*“Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira”.*



É um poema metalinguístico, que trata do ato de compor poesia e do ser poeta. A metalinguagem pode ser evidenciada no poema através dos versos:

*“Com o tempo descobriu que escrever seria
o mesmo que carregar água na peneira”.*

A poesia barroniana alude ao imaginário infantil sob um ponto de vista moderno, que extrapola os limites da racionalidade em relação à observação da realidade circundante. Por meio da criatividade imaginativa, essa realidade é recriada e/ou transformada pelo poeta.

*“A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento e sair
correndo com ele para mostrar aos irmãos.*

*A mãe disse que era o mesmo que
catar espinhos na água
O mesmo que criar peixes no bolso.”*

Neste sentido, Manoel de Barros soube conduzir muito bem o imaginário infantil, produzindo uma literatura ao alcance desse público. Por ser arte, a literatura infantil oportuniza um mundo mágico de criação e recriação, pois ela é uma fonte inspiradora do imaginário. Como afirma Coelho (2000, p. 27), “A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor; é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização”.

O trabalho que Manoel de Barros desenvolveu com a linguagem, em “o menino que carregava água na peneira”, provoca uma reflexão que vai além do texto, insufla diferentes leituras e interpretações, as quais estão subentendidas

nas entrelinhas de cada verso no poema. Além disso, o poeta esquadrinhou o uso das palavras de forma inovadora, dando a elas novos sentidos ou criando neologismos. Dessa forma, confere à palavra a capacidade de dizer o não-dito, causando deslumbramento ao leitor.

“O menino era ligado em despropósitos.

Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do que do cheio.

Falava que os vazios são maiores e até infinitos.

Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito porque gostava de carregar água na peneira”

O poema é uma narrativa poética que se caracteriza pela sugestão, pois, a linguagem foi empregada fora do seu emprego comum e rotineiro, considerando que a linguagem literária foge do convencional, do seu sentido real e normatizado e, neste caso, a linguagem foi conduzida para o uso exclusivamente, imaginário.

O texto caracteriza-se pela predominância de figuras de linguagem e explicita suas imagens à medida em que elucida o sentido das metáforas. No que se refere à imagem, Bachelard considera que o poema é caracterizado pela profunda atividade mental. Essa atividade procede da própria imagem, como uma realidade simples, que precede ao pensamento: “Em sua simplicidade, a imagem não tem necessidade de um saber. Ela é a dádiva de uma consciência ingênua. Em sua expressão, é uma imagem criança” (BACHELARD, 2005, p.4).

Na descrição do fazer poético, Manoel de

Barros cria um mundo imaginativo, em que a liberdade de criação “é fazer peraltices com as palavras”. Assim, a atividade de imaginar desprende o leitor do texto levando-o para o mundo da imaginação, proporcionando a ele criar e recriar um universo de representações, onde a realidade se revela através de metáforas e símbolos.

No escrever o menino viu que era capaz de ser noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras. Viu que podia fazer peraltagens com as palavras. E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de interromper o voo de um pássaro botando ponto final na frase. Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.

Percebe-se que a criança como poeta e criadora, põe em atividade a sua imaginação para representar seu mundo imaginário. Neste jogo imaginário, não há limites para criar e inventar “despropósitos” através das “peraltagens” do menino, fica evidente que o irreal, a linguagem metafórica, as conotações, a função poética, os símbolos são os elementos que dão asas à imaginação.

O menino fazia prodígios. Até fez uma pedra dar flor! A mãe reparava o menino com ternura.

A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta. Você vai carregar água na peneira a vida toda.

*Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens
e algumas pessoas vão te amar
por seus despropósitos.*

A presença da mãe no poema revela a relação de ternura entre os personagens do texto, o menino e a mãe. A importância da mãe na narrativa é significativa, pois, sendo ela a figura mais presente na vida da criança, é ela também quem melhor compreende as atividades poéticas do filho, o universo imaginativo no qual o menino está imerso.

Quando a mãe diz que o filho vai “encher o vazio com suas peraltagens”, ela está se referindo ao fazer poético, em que o poeta cria “despropósitos” na escrita, como frutos da imaginação, que liberta o poeta e o faz viajar no universo lúdico do imaginário, recriando uma supra realidade. No entanto, a mãe parece alertar o filho para o ofício que ele escolheu, “Você vai carregar água na peneira a vida toda”, a ideia de “carregar água na peneira” está associada à mensagem que o poeta transmite através das palavras, que nem sempre são compreendidas pelos leitores, pois as imperfeições existentes na escrita fazem com que as palavras percam o sentido no percurso da comunicação.

Assim sendo, Manoel de Barros mostra que a poesia, mais do que uma habilidade de escrita, é uma demonstração de sensibilidade pura, como é pura a imaginação de uma criança.

A poesia de Manoel de Barros levanta a questão do vínculo entre as palavras, as ideias, as imagens e os fatos, respondendo à questão por meio de uma

semântica própria e singular.

Para o poeta,

Não há de ser com a razão, mas com a inocência animal que se enfrenta um poema. A lascívia é vermelha, o desejo arde, o perfume excita. Tem que se compreender isso? Ou apenas sentir? Poeta não é necessariamente um intelectual; mas é necessariamente um sensual. Pois não é ele quem diz eu-te-amo para todas as coisas?
(BARROS, 1992, p. 316)

Para Manoel de Barros, penetrar no mundo do imaginário poético equivale a penetrar no universo das coisas e da linguagem. Observar essas coisas nas suas simplicidades e apresentá-las em forma de poesia. Também buscar a simplicidade da linguagem e a inovação na forma de dizer as coisas. Pois, a riqueza do sonho e da fantasia, assim como das conexões básicas e necessárias com o mundo, transcende as fronteiras da linguagem e da imaginação.

Ao ler a poesia de Manoel de Barros, utilizando a ideia de imagem como elemento de reconciliação, queremos entrever na ruptura a própria possibilidade de reconciliar. No entanto, nada podemos afirmar sobre isso: no início, tentamos apenas demarcar esse espaço de linguagem – cotidiano e familiar –, onde a “presença” das coisas é dominada pelo conhecimento que se tem delas e onde a “voz” da natureza é só um pálido eco de sua multiplicidade profunda e criadora.

Referências:

- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BARROS, Manoel de. Gramática expositiva do chão: poesia quase toda. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- _____. Poesia Completa. São Paulo: Leya, 2013.
- COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo, 2000.

ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO

Por Ilcemara Regina Jensen Farencena



Minha infância e juventude foram moldadas no Sul, em Santa Maria, RS. Filha de agricultor e dona de casa. Aos 15 anos, em plena adolescência e sendo filha primogênita, coube a mim cuidar da mãe, que aos 48 anos teve um AVC, a partir daí a vida me mostrou o lado cruel, aquele que não queremos ver, mas que temos que encarar, além do que existe um ditado que senti na pele: o que é para você, é você que irá passar.

Com dois irmãos menores para cuidar e uma mãe acamada, essa responsabilidade foi um tanto quanto pesada, mas hoje vejo que tudo passa e tudo tem seu propósito na vida.

Aos 21 anos, casei, esse foi o motivo de eu ter vindo parar no Tocantins. Meu esposo, engenheiro agrônomo, veio tentar a vida no estado novo. Cheguei aqui em 1989, com muita expectativa e muito assombrada com a nova realidade. Tudo

diferente, em todos os sentidos, para falar a verdade, confesso que tinha dificuldade até de entender o que as pessoas falavam, linguagem, costumes, enfim, um mundo novo a minha frente. Nessa nova morada fiz muitas amizades, conheci pessoas que me ajudaram e que tenho grande estima, posso dizer que fui muito bem acolhida aqui.

Dois anos após minha chegada, dei à luz a minha filha primogênita, Ana Paula, três anos mais tarde, nasceu a caçula, Fernanda. Nesse momento, a maternidade falou mais alto, fiquei nessa fase praticamente por conta da educação delas até eu fazer o vestibular para Letras, primeira turma da FAFICH, hoje Universidade UNIRG, iniciando o curso em 2000. A partir daí a reviravolta na minha vida foi inevitável.

Estudar, cuidar da casa, das filhas, muitas

responsabilidades acumuladas, mas via que o curso era promissor, com professores empenhados, a cada disciplina feita e a cada semestre concluído sentia que eu estava evoluindo, e mais, percebia que estava fazendo algo que gostava. Tentava participar ao máximo das atividades acadêmicas, tudo que aparecia queria estar presente, inclusive na organização da nossa formatura, que por sinal, foi linda, memorável, com a turma empenhada, fizemos várias atividades para juntar dinheiro.

No último semestre da faculdade, fui convidada para dar aula de redação no cursinho pré-vestibular do Colégio Ômega, detalhe: foi onde me preparei para o vestibular, em seguida, fui para o ensino médio. Desde então, não parei, logo passei a trabalhar no Colégio Objetivo, escola que permaneço até hoje ministrando aulas de redação e literatura. Assim que me formei, procurei uma pós-graduação, entrei em contato com a Facinter, de Curitiba, que oferecia especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, consegui montar uma turma aqui em Gurupi, e com isso muitos de meus colegas participaram.

Em 2004, comecei a dar aula na Unirg, como professora assistente, atuando em disciplinas na área do ensino de Português, Produção textual e também na orientação de TCC. Nesse período, fui convidada pela Secretaria Municipal de Educação de Gurupi para desenvolver oficinas pedagógicas com o intuito de contribuir na formação de professores que atuavam na disciplina de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, desde então, tenho participado da formação continuada dos professores do município sempre que sou solicitada, sendo que a última foi em 2018, com foco na BNCC e no planejamento na área de Linguagens. Em 2010, afastei-me da IES. No primeiro semestre de 2013, juntamente com uma colega de profissão, idealizamos o curso

‘Mais’, projeto que até hoje tem como objetivo a preparação de concurseiros e vestibulandos.

No ano seguinte, assumi a coordenação do ensino médio do Colégio Objetivo. Nesse período, posso dizer que a experiência como coordenadora me fez ver o outro lado da moeda, pois percebi a complexidade do processo de ensino e aprendizagem, já que muitos personagens são envolvidos para que no final tudo dê certo. Devido ao cargo assumido, acabei me afastando um pouco da sala de aula. Nesse período, tive problemas de saúde, o que me fez repensar a vida e ver que a dedicação e a busca pela perfeição nem sempre trazem resultados positivos.

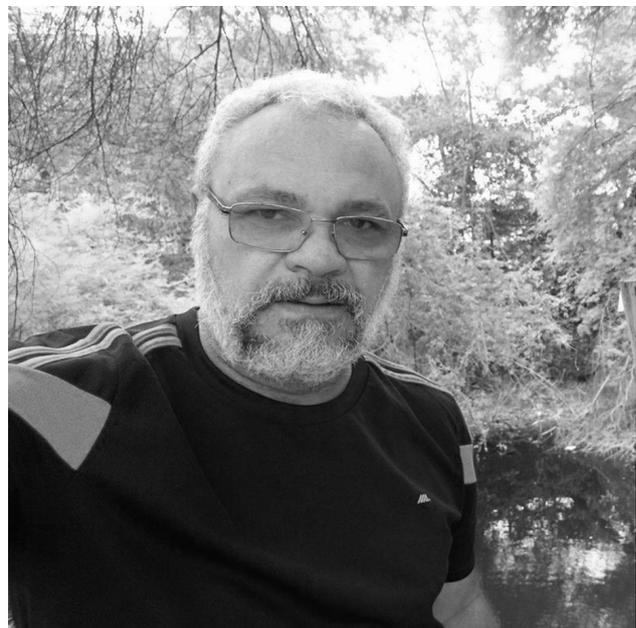
Um ano depois, encontrei um ex-aluno de Letras que foi o responsável por eu começar o meu mestrado na UFT. Numa conversa que tivemos, ele me informou que iria ter um processo seletivo e fez de tudo para que eu me inscrevesse e participasse da seleção, graças a esse incentivo, fiz meu mestrado, na área de Literatura Comparada, defendendo a minha dissertação em 2019. Essa fase foi um tanto complicada, pois trabalhava e ia uma vez por semana a Porto Nacional, onde fiz a maioria das disciplinas. Muitas foram essenciais para a minha formação, o que posso dizer é que o mestrado, além de ser um desejo pessoal, foi extremamente importante no aspecto profissional, abriu portas e hoje estou novamente atuando na Unirg, através do processo seletivo que fiz em 2019, como professora substituta, assumi disciplinas no curso de Letras e Direito.

Para concluir, posso dizer que me sinto realizada profissionalmente, pois ao fazer uma retrospectiva de quando comecei a atuar como docente até o presente momento, percebo que contribuí para a formação de muitos, e parafraseando Cora Coralina: Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.

ENTREVISTA

BATE-PAPO LITERÁRIO COM GIL CORREIA

GILBERTO CORREIA DA SILVA, conhecido como Gil Correia é jornalista, escritor, poeta e professor universitário concursado na Universidade Unirg, tendo se aposentado em fevereiro deste ano. Foi coordenador do Curso de Comunicação Social da Unirg. É membro fundador da Academia Gurupiense de Letras, tendo sido presidente nos três primeiros mandatos. Na Academia Tocantinense de Letras ocupa a cadeira 40, além de diretor da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra – Adesg, Regional Sul do Tocantins. Já presidiu a Associação de Artes e o Conselho Municipal de Cultura de Gurupi. Foi diretor municipal de Cultura em 97/98, entre outras atividades artísticas, culturais e esportivas. Membro da União Brasileira de Escritores-GO, membro fundador e primeiro presidente da UBE-TO. Cronista esportivo, foi produtor e editor dos programas Globo Esporte, Bom Dia Tocantins e Jornal do Almoço, da TV Anhanguera/Rede Globo, atuou como correspondente em Gurupi e Região do Jornal do Tocantins. Foi editor do Jornal Cocktail e editor geral, além de diretor do Jornal A Notícia. Atuou como coordenador Regional de Telejornalismo e Administrativo da Rede Sat; repórter esportivo da Rede Rat na região Sul do Tocantins. Presidiu a Associação dos Cronistas Esportivos do



Tocantins – ACETO, onde exerceu também a função de secretário, ocupando hoje a função de tesoureiro. Atualmente é o tesoureiro da Associação Brasileira dos Jornalistas de Turismo – ABRAJET-TO. É o atual presidente da Associação dos Professores Universitários de Gurupi, que é Seção Sindical do ANDES-SN desde 1993, cargo que já exerceu entre 2013 a 2017, sendo eleito novamente em 2019. Atua também na Capelania Social sendo atualmente o diretor estadual da Capelania Unipas Tocantins. É pastor Evangélico na Igreja Batista Filadélfia de Aliança do Tocantins.

CONFIRAM A ENTREVISTA:

RL - Quem é a pessoa Gilberto Correia da Silva? Qual seu lugar de origem?

GC - Sou um ser comum, como outro qualquer, que sonha até hoje, que sofre, sorri, mas que ama intensamente a vida, que tem esperança ainda no ser humano. Um ser vivente, carente, mas que vive intensamente. Sou nascido em Arapiraca-Alagoas, mas que viveu em várias cidades e estados do Brasil. Moro no Tocantins desde 1990.

RL - Qual a sua formação acadêmica?

GC - Sou jornalista de formação, mas com curiosidade e outras formações técnicas e livres, em várias áreas do conhecimento.

RL - A partir de quando você despertou para o mundo da literatura?

GC - Desde menino, quando o mundo da leitura se abriu pra mim, especialmente com a leitura de gibis, que era o produto mais barato que aquele menino pobre, nascido na roça alagoana, mas crescendo no interior de São Paulo mesmo não tendo condições de comprar, sempre que conseguia ter algum livro em mãos, só parava quando chegava na última página.

RL - Quando foi escrito seu primeiro poema?

GC - Eu tinha nove, 10 anos de idade, portanto, há mais de 50 anos. Me lembro que foi para uma menina por quem me apaixonei na escola primária.

RL - Quantos livros você já publicou?

GC - Cinco livros e participação em duas dezenas de antologias regional, nacional e internacional.

RL - Quando foi lançado seu primeiro livro?

GC - Foi em 2002, o livro Espelho D'alma - Reflexões poéticas, poemas, 2002, Gurupi-TO, Edições AGL. Impressão: Gráfica Cometa.

RL - Espelho d'alma foi escrito em duas línguas. Qual a sua intenção ao escrever um livro bilíngue?

GC - Meu fascínio pelo espanhol, que tenho certo domínio, não só pela prática, mas por ter estudado um pouco.

RL - Em "Espelhos D'alma" tem algum poema que melhor te identifica? Qual?

GC - Sim, tenho, o poema A Paz Desejada, que está no livro Espelho D'alma – Reflexões Poéticas, lançado em 2002.

A PAZ DESEJADA

Eu quero a paz, mas não a paz dos brejos,
do sangue coagulado, dos cemitérios, do
homem humilhado.

Não quero a paz do "sim senhor", da cidade
bombardeada,
a paz dos escombros, dos derrotados, a paz
do nada.

Não quero a paz sob o domínio da ditadura
onipotente,
a paz dos que se calam e consentem com
medo de falar.

Só aceitarei a paz, só quero a paz,
quando ela vier de sorrindo de mãos dadas.
Com homens que lutam e trabalham.

Só quero a paz quando ela andar nos trilhos
acompanhando os jovens namorados.

Só aceitarei a paz quando cantar no apito das
fábricas livres,
nas mãos dos operários, com

responsabilidade.

Quando não houver mais medo, frio ou fome, governo acomodado ou rico salafário.

Só quero a paz depois de ganhar a guerra, onde as armas sejam amor, luz e verdade.

Só aceito a paz, irmã meiga do povo, irmã justiça, irmã da liberdade.

RL - Enquanto poeta, você se inspirou em algum escritor? Quem?

GC - Muitos escritores fazem parte da minha formação poética, entre eles, Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana, entre outros renomados poetas nacionais, mas tenho referências regionais, especialmente de Goiás, como Bira Galli, Pio Vargas, Gilson Cavalcante, Tião Pinheiro, e outros da galera poética, com quem convivi nos idos anos 80, especialmente nos movimentos literários de Goiás e nos projetos que aconteciam todas as semanas, em especial o Projeto Terça de Arte, do qual eu era um dos organizadores, junto com a Mastrela, no saudoso Trem Azul, na Avenida 85 em Goiânia. E, como entendo que estamos sempre sendo inspirados ou motivados por escritores, não posso deixar de citar a influência poética de Ronaldo Teixeira, Osmar Casagrande e José Gomes Sobrinho, entre outros também que lapidaram a minha formação poética.

RL - Como foi sua entrada na Academia Gurupiense de Letras – AGL?

GC - Fui um dos fundadores, juntamente com um grupo de escritores gurupienses, que reunidos no dia 30 de novembro de 1999 resolvemos criar a AGL. A reunião de fundação aconteceu no Centro Cultural Mauro Cunha, depois de muitas reuniões preparatórias e neste dia, fundamos a Academia Gurupiense de Letras e no dia 7 de dezembro, promovemos a eleição da primeira

diretoria, sendo eleito o primeiro presidente e reeleito mais duas vezes.

RL - Em poucas palavras, resuma Literatura para você.

GC - A literatura contribui para enriquecer a cultura e o intelecto de cada leitor, de cada apaixonado pela leitura, colaborando no desenvolvimento crítico e para o conhecimento de novas experiências. Sem contar que a literatura se torna patrimônio coletivo na formação, desenvolvimento e crescimento, renovação e atualização da língua, que é o fator principal do reconhecimento de uma identidade. A literatura permite que as novas e futuras gerações acumulem os valores do processo da civilização humana e traz a proximidade da ciência e a vida.

RL - Você é Jornalista, Professor e Poeta, destas três atividades, qual vem primeiro em sua preferência?

GC - Claro que enquanto professor, tive a oportunidade de ter uma estabilidade financeira, o que é muito importante para a qualidade de vida e familiar, mas do ponto de vista telúrico, visceral e de paixão, as três atividades pra mim caminham juntas, porque podemos exercer individual e conjuntamente entre si, as nuances de cada atividade, sem que uma atrapalhe as outras. Por exemplo, existem períodos que não escrevo quase nada, do ponto de vista poético, mas escrevo todos os dias, leio todos os dias e isso nos aproxima da função de jornalista, de professor, embora aposentado recentemente e de poeta. Todas as atividades, sozinhas ou juntas, são atividades que necessitam escrever, sonhar, produzir e, claro, Viver.

RL - O que te despertou para a carreira de Jornalista?

GC - Paixão. Pela escrita, pela literatura, pelas viagens por meio dos livros e pelas histórias contadas que ouvia e posteriormente inventava e/ou contava, nas rodas de crianças nas calçadas em cidades do interior aonde residia. Sempre gostei de escrever e embora tenha formação tardia na comunicação social, sempre fui envolvido com rádio, jornais de escolas e outras atividades. Eu sempre fui um devorador de gibis e revistas infantis. Cheguei a ter coleção de mais de cinco mil gibis de todas as categorias, em especial dos heróis que povoavam nossa infância e que existem até hoje. E a partir daí, eu criava algumas estórias e viajava. Que tempos maravilhosos. E isso permaneceu na minha formação. Tanto que só me formei em jornalismo há 16 anos, mas exerço a profissão há 40 anos, paralela com outras atividades, pela minha forma irrequieta de ver, sentir e viver a vida.

RL - Enquanto jornalista, como você descreve sua experiência?

GC - Experiência das mais positivas, porque é uma profissão que escolhi por amor, por identificação e não por segunda ou terceira opção. Eu sempre quis ser jornalista. Repito, embora sempre tenha exercido outras atividades paralelas e simultâneas, sempre quis ser e sempre me senti jornalista, portanto, uma experiência fascinante e satisfeito com a carreira assumida, em toda a sua intensidade. Tive a oportunidade de trabalhar em todas as áreas, seja no rádio, na TV, em jornais impressos, em blogs, em assessoria, enfim, em todas as áreas possíveis do jornalismo.

RL - Por que você escolheu a carreira de Professor?

GC - Sempre fui professor no Senai, Senac e outros institutos de ensino, seja como técnico em segurança do trabalho, como instrutor de

cursos na área de segurança e saúde, ou em outras atividades como palestrante, assessor. Então naturalmente, a coisa foi acontecendo. E, após a minha graduação na Unirg, iniciei minha especialização e me candidatei a ser professor no ensino superior, sendo inicialmente contratado e em 2006 fiz o concurso público. Mas minha carreira como instrutor, multiplicador ou qualquer outro nome que é dado a atividade de ensinar, portanto, professor, eu sempre fiz na minha vida.

RL - Na sua opinião, os profissionais de hoje estão preparados para assumir este papel?

GC - Sim, penso que sim, porque temos muitas ferramentas na formação profissional, porque no aspecto pedagógico - seja no campo teórico ou prático. Mas não podemos esquecer que é fundamental que a pessoa goste do que faz, de estudar e que tenha essa motivação para aprender e posteriormente, ensinar. Seja no ensino básico, fundamental, médio ou superior. E que essa preparação passe sempre pelo aperfeiçoamento. Afinal, somos eternos aprendizes.

RL - Atualmente você está desenvolvendo atividade sindicalista, o que te levou para o Sindicato?

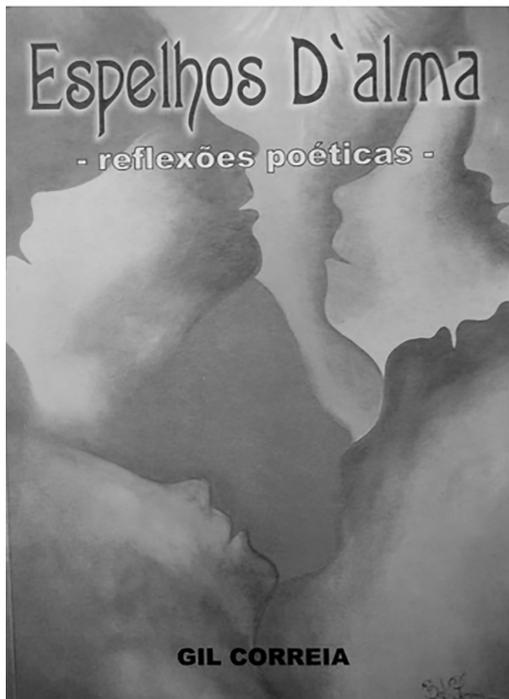
GC - Sempre fui um ser incomodado. Gosto de trabalhos que envolvam a coletividade. Me lembro dessa inquietação desde menino. Portanto, está na minha formação. Já fui filiado ou membro de diretoria de vários sindicatos e associações, de várias áreas de atividades profissionais ou sociais. No caso da Apug, desde que me tornei professor contratado, me sindicalizei ao sindicato pra acompanhar e dentro do possível, colaborar com a entidade. Gosto das lutas coletivas, de propostas que possam transformar e melhorar a

qualidade de vida. E isso não é só no sindicato. É no dia a dia e em qualquer forma de injustiça que aconteça, estou pronto a colaborar. E um sindicato tem uma forma colegiada e estratégica de buscar determinada melhoria, seja profissional ou social, que poderá se refletir não só na categoria, mas na comunidade, seja bairro, setor ou cidade aonde estamos inseridos. A luta vale a pena. Sempre.

RL - Considerando que você é atuante nas áreas de comunicação e literatura (linguagens), o que você tem a dizer aos futuros profissionais de Letras, que atuarão na área de linguagens e literatura?

GC - Que acreditem sempre. Que façam com amor, com determinação, com vocação. Podemos transformar o mundo, ou caso não o consigamos transformar, podemos ajudar a melhorar a nossa "aldeia", e a partir daí, disseminar ações, posturas e atitudes que vão refletir, por meio das Letras, das Artes e da Comunicação, em uma melhor

interação para um mundo mais justo, humano e igualitário. Embora ainda nos falte uma política permanente de valorização da leitura, cultura e por consequência da educação, para que tenhamos uma visão da função formadora da literatura, das letras e comunicação, precisamos acreditar nos futuros profissionais, para que tenhamos estudiosos, escritores e leitores de diferentes estratos ou camadas sociais, considerando que elas – literatura e comunicação - contribuem para o desenvolvimento de pessoas psíquica e emocionalmente equilibradas, com o nível elevado de responsabilidade social e aptas para qualquer posicionamento crítico em face do seu meio. Mas isso é outro viés, que infelizmente nossos governantes não conseguem ou não querem entender. E, o que é pior. Temem. E se temem, não investem. Políticas de governo tacanhas que não permitem o avanço. Mas ainda existem os que sonham, os que ousam lutar. E os que ousam vencer.



MARULHOS LITERÁRIOS

CASA DE ALVENARIA VOLUME 1 E 2

CAROLINA MARIA DE JESUS



O primeiro lançamento dos diários de Carolina Maria de Jesus registra os meses em que a escritora morou em Osasco (SP), em 1960, após deixar a favela do Canindé. Edição ampliada e integral, com conteúdo inédito e introdução de Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus, refeita a partir dos manuscritos originais da autora, resultando no primeiro volume de Casa de alvenaria.

Essa obra cobre um período especial da vida de Carolina. Ela sonhava em sair da favela e finalmente conseguiu morar em uma casa, depois de colher os frutos plantados com o sucesso de Quarto de despejo. Mas o sonho se deparou com uma realidade cruel que Vera Eunice veio confirmar ao reler Casa de alvenaria. “Percebi a infelicidade da minha mãe ao vir para sala de visita”, conta. “O maior sonho dela era sair de favela e ir para a casa de alvenaria, mas, no livro, ela fala que deveria ficar na favela, porque a sala de visitas tinha muito racismo e discriminação, por ela ser negra, por ter pouco estudo, por ser mãe solteira, por escrever, ao ver deles, errado.

Dessa narrativa do cotidiano, entremeada às contradições de seu tempo, emergem reflexões que permanecem mais atuais do que nunca. Eis aqui Carolina por completo, uma escritora brilhante e sem-par em nossa literatura, que desafiou todas as barreiras impostas por uma sociedade racista e desigual.

Já o segundo volume de Casa de alvenaria inclui diários que se estendem até dezembro de 1963, com conteúdo inédito ou fora de circulação há décadas. Através desses registros, acompanhamos a nova vida de Carolina, a movimentação em sua casa, as viagens e, sobretudo, a dificuldade de transpor as barreiras do racismo e da estigmatização para ser reconhecida como escritora.

Feita a partir dos manuscritos originais de Carolina, esta nova edição é uma oportunidade de conhecer uma das maiores escritoras brasileiras na íntegra e por ela própria — seus sonhos, suas vontades, seu projeto literário e suas desilusões. O livro inclui introdução de Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus e pode ser lido independentemente do volume anterior.

“Ler Casa de alvenaria é penetrar no universo íntimo de uma das autoras mais instigantes da literatura brasileira.” — da introdução de Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus”.

Os volumes de Casa de alvenaria podem ser lidos de forma independente.

LITERATURA TOCANTINENSE



Histórias da História de Gurupi é um livro que reúne onze crônicas escritas pelo jornalista e poeta Zacarias Martins.

As crônicas retratam o cotidiano da sociedade gurupiense. A obra é um conjunto de reflexões que acentua profunda admiração de seu autor pelo universo artístico-cultural, sem comprometer seu aspecto crítico em relação a sua função jornalística. Evidencia os dramas humanos e as relações político-sociais, focalizando as experiências vivenciadas pelo autor.

Zacarias Martins é do Belém do Pará e reside no estado de Tocantins desde 1983. É um dos principais poetas contemporâneos do Estado. Além de poeta é jornalista e ativista cultural. É fundador do Conselho Municipal de Cultura de Gurupi, do qual foi o primeiro presidente (1999-2000). Autor de seis livros de poesias e um de crônicas, tem participação em várias antologias literárias pelo Brasil afora. É ainda co-fundador da Academia Gurupiense de Letras.



Tipos de Rua, de Juarez Moreira Filho, traz a memória de acontecimentos vividos pelo autor na sua infância. O cenário é a cidade de Dueré no Tocantins. Tipos de Ruas de uma forma simplificada, são as personagens do livro - Tipos de pessoas.

O escritor retrata cada história com palavras adequadas, que expressam regionalismo, e chega até a escrever frases informalmente, para retratar o estilo do povo da cidade de Dueré. Dessa forma, a obra se enquadra na modalidade de literatura regional.

O regionalismo de Juarez Moreira Filho, sobretudo nesta obra, exerce exatamente essa função, pois aborda a narrativa sobre treze “tipos de rua” de Dueré (TO), que se apresentam como personagens que vivenciaram as mais diversas experiências que, de certa maneira, conformaram suas existências ao mesmo tempo que significavam seus lugares em um tempo em que o dinamismo econômico da região se estruturava a partir da exploração do garimpo de cristal de rocha. Mas se trata de uma produção artística que, enquanto forma simbólica, não imita, mas é uma descoberta da realidade.

PRODUÇÃO ACADÊMICA

“A TRISTE PARTIDA”: PATATIVA DO ASSARÉ E A POESIA SOCIAL

Valdemiro Gomes de Sousa¹

“Setembro passou, com
outubro e novembro
Já tamo em dezembro.
Meu Deus, que é de nós?
Assim fala o pobre do seco
Nordeste,
Com medo da peste,
Da fome feroz.”



Foto: Fernando Travessoni

O poema “A triste partida” é de autoria de Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido pela alcunha Patativa do Assaré, uma referência ao pássaro de canto melodioso e triste que vive nos campos, cerrados, beira dos brejos e sertões do Brasil, também ao município de Assaré que está localizado no Cariri Cearense ao sul do Estado do Ceará.

Antônio Gonçalves da Silva (1909-2002) nasceu em Serra de Santana, era um simples agricultor que, enquanto arava a terra, cuidava da sua roça sob o sol intenso do sertão, criava seus poemas e cantos. Um poeta político e cantador que retratou em sua extensa obra a sua terra, o sertão, a luta do homem sertanejo e, também, o operário urbano.

Tzvetan Todorov, linguista e filósofo, em seu livro *A literatura em perigo* afirma que “a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos” (2010, p. 77). Esta afirmação de Todorov conduz à reflexão de que a obra literária configura um instrumento de renovação da sociedade e do espaço em que se insere, a partir do instante em que se organiza como uma manifestação da realidade, tornando essa realidade mais ampla e artisticamente bela.

O poema “A triste partida”, de Patativa do Assaré, vem reafirmar a função social da literatura,

que é retratar e refletir sobre os problemas da sociedade, uma vez a literatura cumpre uma prática ética, social e ideológica. Assim, em sua poética popular, Patativa do Assaré, retrata de forma consciente a realidade nordestina, com sua produção de caráter político e social e que representa a voz do povo oprimido e menos favorecido daquela região.

Partindo da observação de sua realidade social, Patativa do Assaré produziu uma obra repleta de elementos de denúncia e de contestação. Afirma o poeta: “Não é, então, o papel do poeta um papel neutro, de simples observador. O poeta nasceu não só com o dom da poesia, como também com o da verdade e da justiça. O poeta comenta, critica, ensina [...]” (PATATIVA DO ASSARÉ apud CARVALHO, 2002a, p. 46).

O poeta observou e vivenciou o drama do povo nordestino, o que lhe fez refletir e tornar-se, por meio de seus versos, um porta-voz desse povo. Neste sentido, afirma o autor:

Meus poemas são assim, porque eu sou muito revoltado contra a injustiça. Sempre fui. Agora, sei respeitar os donos do poder. Eu não vou afrontar ninguém coisa nenhuma. Tanto é que minha poesia é assim dentro desse tema do povo. É assim como um grito de alerta, apresentando o estado da vida aqui... ali na... classe pobre, né? (PATATIVA DO ASSARÉ apud CARVALHO, 2002, p. 61).

A poética de Patativa do Assaré é movida pela comoção em defesa dos menos favorecidos, num engajamento de solidariedade e de justiça. Em seus versos Patativa faz o retrato da flagelação e da debilidade das comunidades nordestina frente às adversidades provenientes dos fenômenos naturais, políticos e sociais.

No poema “A triste partida” Patativa do Assaré expõe a problemática social, combinando o texto poético com a crítica social, de forma que a poesia se coloca ao lado do povo sofrido e oprimido do sertão nordestino.

Mesmo sendo um poeta de pouca instrução escolar, Patativa demonstra em suas poesias grande consciência crítica e cidadã, denunciando a postura omissa do Estado em relação às necessidades e ao atraso das comunidades do sertão nordestino, castigado por fenômenos naturais, mais notadamente, a seca. Neste sentido, Renata Carvalho Nogueira diz que:

Na poesia Patativiana são evidentes as estruturas sociais subjacentes ao texto e as articulações entre as formas literárias e a consciência crítica, já que poeta e poesia colocam-se ao lado do oprimido. Patativa do Assaré assume seu pertencimento a uma classe social e faz de sua poesia simbólica para despertar o engajamento daqueles que não se dão conta das injustiças e das desigualdades não apenas no sertão, como também na cidade. (NOGUEIRA, 2017, p.174).

A principal temática do texto “A triste partida” é a desigualdade social. Patativa do Assaré descreve a situação do homem em situação de flagelo frente ao privilégio dos patrões e as privações do homem trabalhador, sendo esta contradição, a responsável pelo desequilíbrio

social e pelo sofrimento do povo do sertão nordestino.

Patativa via as coisas do cotidiano, a vida do homem simples do sertão nordestino. Assim, a poesia social de Patativa evidencia uma realidade concreta do sistema social e político de sua época.

A empatia pelo sofrimento do povo nordestino era a inspiração de Patativa do Assaré, que não tinha dificuldades de cantar em seus versos o que pensava e o sentia. Sua poesia é a expressão de sua consciência, guardada em sua memória e dentro de sua alma.

Além de poeta, Patativa era também um grande narrador, observava tudo a sua volta e buscava através de seus poemas recitar as verdades sociais e culturais, nos quais demonstrava a sua preocupação com a vida dos cidadãos nordestinos, estas verdades estão na maioria dos seus poemas.

O texto poético foi musicado por um grande representante da música nordestina, Luiz Gonzaga, que fez história deixando um legado para formação cultural e literária, reforça a temática social e faz com que a situação retratada no texto seja conhecida por todo país.

REFERÊNCIAS

¹Valdemiro Gomes de Sousa é músico, poeta e acadêmico do 8º período do Curso de Letras da Universidade de Gurupi/TO.

Referências:

- ASSARÉ, Patativa do. Canta lá que eu canto cá. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CARVALHO, Gilmar de. Patativa do Assaré: pássaro liberto / Gilmar de Carvalho. – Fortaleza: Museu do Ceará, 2002. 176 p.; il. (Coleção Outras histórias, 11).
- NOGUEIRA, Renata de carvalho. A Poesia Social de Patativa do Assaré. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Santa Maria, v. 27, n. 55, p. 173-193, jul./dez. 2017; UFSM - ISSN Versão Digital: 2176-1485. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/28260>. Acessado em 10/10/2020.



Lygia Bojunga

Lygia Bojunga Nunes iniciou a sua vida profissional como atriz, tendo se dedicado ao rádio e ao teatro, até voltar-se para a literatura. Produziu sempre literatura infantil e tem colecionado, ao longo dos anos, todos os prêmios nacionais de literatura infantojuvenil. Em 1982 foi agraciada com a medalha Hans Christian Andersen, considerada o Nobel dos escritores para a infância e juventude de todo o mundo, concedida pela IBBY International Board on Books for Young People), com sede na Suíça.

Seus textos são originais, sensíveis, profundos e universais. Sua linguagem é clara e ao mesmo tempo rica.

Seus livros mais importantes foram: Os colegas (1972), Angélica (1975), A casa da madrinha (1978), Corda bamba (1979), O sofá estampado (1980) e A bolsa amarela (1981).

OUTRAS ARTES

SALVADOR DALÍ O MULTIARTISTA DO SURREALISMO

Felipe Oliveira Neves e Isabelle Alves Neves



SOBRE SALVADOR DALÍ

Salvador Domingo Felipe Jacinto Dalí i Domènech nasceu em 11 de maio de 1904, na pequena cidade de Figueres, Espanha. Salvador Dalí teve sua história marcada por polêmicas.

Em 1922, ingressou na Real Academia de Bellas Artes de San Fernando, em Madri e foi expulso em 1926, devido ser um apoiador do ditador general Francisco Franco e tinha obsessão pelo nazista Adolf Hitler. Extremamente vaidoso, na época disse que “Não poderia ser avaliado por quem era menos competente do que ele” e desprezou da atitude dizendo: “O surrealismo sou eu”. Ainda em 1926 fez sua primeira visita a Paris, onde conheceu Pablo Picasso, que influenciou muito sua obra.

Os surrealistas foram influenciados pela teoria psicanalítica de Freud, retratavam o que estava dentro do inconsciente. Por isso, davam importância aos sonhos e utilizavam símbolos em suas obras. Foi uma corrente fundada pelo escritor francês André Breton, que defendia uma arte sem qualquer controle exercido pela razão, alheia à preocupação estética ou moral.

Em 1929, conheceu a russa Elena Dimitrievna Diakonova, dez anos mais velha e casada. Perdidamente apaixonado por Gala, alcunha dada por ele a Elena, eles ficaram juntos até o último dia de vida dela, que morreria 6 anos antes que Dalí. Gala foi seu grande amor e musa inspiradora. Segundo ele, ela foi a cura de todas as suas angústias: “Gala é curandeira dos terrores”. Em sua autobiografia, intitulada *Diário de um gênio*, fica registrado traços megalomaníacos, sua

personalidade excêntrica e seu constante exibicionismo.

Suas obras têm múltiplas interpretações, por isso, é preciso um olhar atento. Além de grandes obras de arte, ele foi design de marcas, criou a logo da empresa “Chupa Chups” e joias. Fez parceria com o diretor inglês Alfred Hitchcock, famoso pelos seus filmes de suspense e com Walt Disney também ilustrou uma versão de Alice no País das Maravilhas.

Com a morte de sua esposa, ele praticamente perdeu sua sanidade e tornou-se um homem isolado, abatido e deprimido, recusava comer porque acreditava que alguém poderia envenená-lo. Passou então a ser alimentado por uma sonda nasal e faleceu em 23 de janeiro de 1989. Quando seu corpo foi exumado quase 30 anos após sua morte, foi comprovado que seu bigode ficou intacto.



*SOBRE A OBRA –
CISNE REFLETINDO
ELEFANTES (1927)*

A obra “Os Cisnes Refletindo Elefantes” (1937) de Salvador Dalí, foi denominada “Paranoico Crítico”, período em que ele expunha suas ilusões e imagens duplas.

Em sua tese “A conquista do Irracional” de 1935, relatou tratar-se de um método espontâneo de irracional entendimento do interpretativo crítico e delirante dos fenômenos.

Em uma paisagem Catalã, a obra apresenta ambiguidade, através do reflexo no lago, a imagem transforma-se: as cabeças dos cisnes se transformam em trombas de elefantes, os galhos das árvores mortas tornam-se os corpos dos elefantes. Há a direita da tela a presença de um homem.

Temos várias interpretações a respeito da subjetividade da obra, mas ao analisá-la podemos perceber que, independentemente da sua interpretação, temos explícitas as imagens dos elefantes, mesmo os cisnes estando ali.

Elefantes eram um dos animais preferidos de Dalí e uma das hipóteses de interpretação dessa obra é que os cisnes seriam seus pais. A maneira como ele transpõe “dois mundos”, como se pudéssemos ter dois olhares diferentes, como se pudéssemos enxergar duas obras que se misturam e se completam de maneira harmoniosa.

Hoje a obra pertence a um colecionador particular.

OS FILHOS NÃO SÃO UMA PARTE EXTRA DOS PAIS

Uma reflexão a partir do filme “Sociedade dos Poetas Mortos”

Thallison Henrique Assunção



Cena do filme Sociedade dos Poetas Mortos - 1990

Assistindo ao filme “Sociedade dos Poetas Mortos” (Dead Poets Society), com o roteiro de Tom Schulman e dirigido por Peter Weir, observei que é possível refletir sobre diferentes temáticas que envolvem literatura e educação.

O enredo do filme se passa ainda na década de 50, em uma escola preparatória de elite para garotos, a Welton Academy, nos Estados Unidos. O método de ensino é baseado pelos princípios da tradição, honra, disciplina e excelência.

A chegada do novo professor de inglês e literatura, John Keating, alterou a rotina dos estudantes, pois, seu método de ensino é bem diferente e pouco tradicional. O professor utiliza a poesia, para inspira seus alunos e os apresenta “A sociedade dos poetas”, sociedade fundada por ele quando era estudante na mesma escola.

Neste ensaio opto por analisar os aspectos da educação no que se referem à tradição, ensino, escolhas e interferência familiar.

Considerando as mudanças ocorridas na educação, nos últimos anos, ao abordar esse tema, é necessário levar em consideração as características que compõem os modelos educacionais.

O filme mostra a tensão causada pelo contraste entre duas perspectivas teórico-metodológicas de ensino, a tradicional e a inovadora. A primeira é representada pelo sistema da escola, cujos professores trabalham com métodos tradicionais que, apesar de eficazes, tem pouca significância para os alunos e não acrescentam muito sentido em suas vidas. A segunda, representada pelo Professor de literatura John Reating, o qual trabalha com métodos alternativos de ensino. Seus métodos despertam o interesse dos alunos, fazendo com que eles realmente se importem com o que estão aprendendo.

Neste contexto, a principal comparação utilizada para desenvolver questões referentes aos modelos de ensino é entre os métodos tradicionais e modernos. Apesar de haver um salto temporal considerável entre os dois, essa comparação permite a produção de um senso crítico sobre os aspectos educacionais e os seus efeitos nos alunos.

De um lado, tem-se um modelo autoritário onde o ensino é imposto com rigidez e apenas é considerado no ensino a teoria tradicional, sem espaço para o desenvolvimento de novos pensamentos. Do outro, um modelo educacional mais aberto às mudanças e que leva em consideração não somente os fatores tradicionais, mas também as variedades de vivências que influenciam no aprendizado, além de haver espaço para as escolhas, desejos e opiniões dos estudantes.

Considerando os novos modelos educacionais, juntamente com os estudos que levaram à criação deles, faz-se necessário abordar também

a relação entre a família e a educação.

A família pode interferir drasticamente no processo educacional. Sobre isso, é possível citar três relações que causam grande impacto na educação: A tentativa dos pais de tentar realizar os seus sonhos pessoais nos filhos, a ausência familiar na educação e a presença da família no processo educativo.

Estudos afirmam que a participação ativa da família facilita o processo educacional, enquanto o oposto dificulta esse processo. Talvez a relação familiar considerada a mais danosa, seja aquela em que alguns pais tentam realizar os seus desejos não concluídos nos filhos e esquecem que eles também têm seus próprios sonhos. E isso é retratado no filme “Sociedade dos poetas mortos”, alguns pais veem os planos que haviam elaborado para seus filhos (filhos esses que não tinham o direito à escolha) frustrados, quando os filhos influenciados pelo novo professor, começam a dar vazão aos seus sonhos e desejos.

Tentar realizar os desejos não concluídos nos filhos pode se tornar uma relação crônica, podendo durar até o ensino superior, onde os filhos se veem obrigados a fazer um curso que não desejam a mando dos pais.

O filme discutido traz uma consequência catastrófica acarretada pela má interferência da família na educação dos filhos.

Dessa forma, entende-se que todo método de ensino possui pontos positivos e negativos e que os seres humanos são individualizados, são dotados de sonhos e desejos que não podem ser desconsiderados. Os filhos não são uma parte extra dos pais. Nem sempre a interferência familiar é benéfica no processo educacional.

Finalmente, o filme é inspirador, muitos pontos nele podem gerar reflexões interessantes e bem atuais na sala de aula.

OS CARETAS DE LIZARDAS E AS RAÍZES PORTUGUESAS

Domingas Santana dos Reis e Maria Wellitania de Oliveira

No Estado do Tocantins, os povos da comunidade de Lizarda mantêm algumas lendas, credences e festejos pagãos. Por muito tempo, o município ficou sem assistência da Igreja Católica, a presença do Padre era de forma esporádica, geralmente só comparecia em maio, no Dia das Mães, e em dezembro. O resto do ano, as pessoas seguiam suas próprias tradições. Dessa forma, Lizarda se tornou um campo fértil para propagação das tradições pagãs. “Os Caretas” é uma dessas tradições, o festejo é realizado anualmente em Lizarda, no período da Semana santa.

Essa tradição é oriunda de Portugal surgiu com “O Entrudo” como era chamado o Carnaval antigamente. Durante o festejo era comum o uso de máscaras, originando outro festejo que até hoje é realizado pelos portugueses, “Os Caretos de Podence”.



Careto de Podence - Foto: Jorge Barros

Historicamente, quando o Cristianismo chegou ao Ocidente, as autoridades da Igreja condenaram o modo como as pessoas se divertiam nas festas pagãs como o Carnaval, ou Entrudo.

Em Portugal, o Entrudo tem seus primeiros registos datados de 1252, em documento do reinado de D. Afonso III para celebrações do calendário religioso. Já o Carnaval brasileiro data de 1723 e tem suas origens em terras portuguesas. Com a colonização, os portugueses trouxeram a festividade para o país, e hoje ela faz parte da cultura nacional.

Quando a Quaresma foi instituída no século VIII, o Carnaval passou a acontecer antes do período religioso, assim os cristãos não cometeriam excessos. Entretanto, a Igreja não conseguiu afastar o povo desses eventos populares.

Em Portugal, os Caretos ou Mascarados como são conhecidos, possuem peculiaridades em sua maneira de festejar. O festejo tem um caráter profano e nas suas raízes a permissividade concedida,

além de uma alegria barulhenta e excessiva; utilizam as máscaras para que os participantes não sejam identificados.

O divertimento dos mascarados é uma manifestação semelhante às representações teatrais. Trata-se de uma abordagem cultural por meio da exploração da linguagem dramática, a transposição artística do real.

Os Caretas ou Mascarados é uma tradição que reúne cultura, folclore, religiosidade e brincadeira popular. Essa forma espontânea de animar a Semana Santa vem há vários anos destacando a cidade de Lizarda no cenário cultural do Tocantins. É um festejo que tem resistido frente às mudanças de hábitos e costumes da

sociedade moderna.

Em Lizarda, a Semana Santa é o período mais sagrado do ano, todo simbolismo que envolve a data é levado muito a sério. Na sexta-feira, a cidade acorda com cânticos da via sacra, que termina quando a Igreja Católica é fechada, como sepulcro de Jesus, e permanece assim até o sábado de aleluia.

Esta festa tem como característica principal o uso de máscaras pelos seus participantes. Etmologicamente, o termo máscara pode ter sido originado do latim *masculus* ou *masca*, que significa “fantasma”, que, na crença popular, é uma suposta aparição, ou manifestação da alma ou espírito de uma pessoa ou animal morto; ou pode ter originado também do árabe *maskharah*, que significa “palhaço”, pessoa que, por atos ou palavras, faz os outros rirem. Ambas as formas se relacionam com a palavra “careta”, que significa uma “cara especial, ou diferente” e tem o mesmo sentido que a forma masculina “careto” utilizada em Portugal.

Segundo Raposo,

Careto é o termo regional para uma pessoa mascarada. É difícil determinar onde a palavra vem embora pudesse ser conectada com a palavra “careta”, o que significa que uma expressão facial semelhante a uma careta destinada seja em assustar as pessoas ou então fazê-las rir. “Careta” muitas vezes também indica a cara de um palhaço ou um mime de palhaçadas. (2005, p. 1).

Neste sentido, a máscara é um recurso cênico utilizado em diferentes manifestações populares e tradicionais como o Carnaval, reisados, cavalhadas, Semana Santa, entre outras manifestações que fazem parte do “catolicismo popular”, em que a utilização de máscaras aparece como a principal indumentária de caracterização das personagens que representam os festejos. O fato é que, ao longo dos tempos, as máscaras têm sido um acessório usado para os fins mais diversos, conforme as crenças e a cultura de determinados povos que as utilizam. O uso da máscara é uma maneira de se ter acesso ao universo imaginário e outras dimensões místico-religiosas.

Segundo Santos, “Cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor” (1987, p. 38); nesta perspectiva, a persistência em manter a tradição pode ser considerada como a luta de uma sociedade que busca na cultura um meio de sobrevivência de uma tradição que pode vir a beneficiar a população local. Tome-se como exemplo o festejo dos Caretas de Lizarda, no estado do Tocantins, que procura manter a tradição na sua região, mantendo características semelhantes e ao mesmo tempo distintas dos mascarados de Portugal. Convém lembrar que o uso de máscaras nos festejos é uma tradição que chegou com os portugueses ao nordeste do Brasil e entrou no nordeste do Tocantins.

Lizarda é um pequeno município do Tocantins que faz fronteira com os estados do Piauí e do Maranhão. A cidade teve origem na fazenda Boa Sorte, formada em 1824 por José Benedito da Silva e Maria de Freitas, considerados os fundadores, vindos do Piauí. Quando foi elevada à categoria de Vila teve a sua denominação mudada para Lizarda, em homenagem à D. Lizarda Maria de Freitas, filha do fundador (Souza Filho 1990, p.235).

Com forte influência nordestina, o povo lizardense preserva muitos costumes, lendas e credences da cultura popular. Durante muito tempo, a religiosidade dos moradores de Lizarda era praticada em família, ou seja, as famílias se reuniam nas casas para rezar terços e realizar novenas, porque na cidade ainda não existia uma igreja, o que permitiu a continuidade da manifestação cultural denominada “Os Caretas de Lizarda”, a qual foi tema de um documentário realizado por Hermes Macedo e Marcelo Silva (2005). Após

a construção da igreja de Nossa Senhora Imaculada Conceição (2001), a população de Lizarda passou a participar das celebrações organizadas pelo pároco, o que favoreceu maior integração entre as pessoas da comunidade.



Os Caretas de Lizarda - Foto: Emerson Silva (SeCult)

Dentre as manifestações culturais realizadas em Lizarda, a Festa dos Caretas é a que tem maior notoriedade no Estado.

Segundo relatos de moradores, as primeiras manifestações dos Caretas ocorreram na Fazenda Pé do Morro, passando depois a serem realizadas também na Fazenda Barra do Brejo e atualmente ocorre dentro da cidade de Lizarda, tendo por algum tempo, o festejo ocorrido em frente à Igreja Católica, mas posteriormente mudou para outro setor devido à construção de uma praça no local.

Antes da Semana Santa, o Enfrentante, que é o responsável pela organização da festa dos Caretas,

convida os homens que se fantasiarão e confeccionarão as fantasias feitas a partir de diversos materiais como folhas da bananeira, sacos e couro, entre outros, e as máscaras feitas de cabaça, pelos e couro de animais, papel e palha de buriti. Cada participante cria sua própria máscara, que dentro do ritual tem o seu significado, conforme afirma Paulino, “Uma máscara só pode ser conhecida em sua plenitude quando se encontra em ação, dentro de um contexto” (2008, p. 15).

Os chicotes são instrumentos indispensáveis ao festejo; são com eles que os Caretas defendem a “quinta”, são fabricados com cipó ou ramos de buriti e são denominados “pinhola”; a “quinta” é o local onde se constrói uma espécie de roça rodeada de bananeiras, com cana-de-açúcar, que os Caretas enterram para parecer que está plantada, além de outras frutas, a quinta é protegida pelos Caretas para que ninguém se aproprie de seus frutos. Não se sabe ao certo o sentido da quinta e da função que Os Caretas têm ao protegê-la, a proteção da cana pode ter relação com a crença da população de que no calvário, Jesus Cristo foi açoitado com pedaços de cana, por isso, na encenação, os Caretas tentam impedir esse sofrimento. O certo é que o festejo está relacionado com a paixão e morte de Jesus Cristo e, por isso, é realizado na Sexta-feira Santa. Há de se levar em consideração que, após a morte, tem a ressurreição de Cristo, isto sugere uma mudança de estado da morte para vida, do velho para o novo, ou o recomeço de um novo tempo em comparação com a própria natureza, pois “todos os anos a vegetação se renova e a vida social, do mesmo modo que a natureza, inaugura um novo ciclo.

Na noite da Sexta-feira da Paixão, na casa do Enfrentante, há um jantar farto para que os participantes saiam do jejum, depois uma reza que antecede a festa, e após a reza é servido um lanche com refresco e bolos feitos pela própria comunidade.

Os participantes e atores da festa começam a se organizar e se fantasiar; além dos Caretas, que vestem suas máscaras e adornam seus corpos com fantasias, existem outros personagens como a Catita, que é um homem vestido de mulher, na encenação do ritual é a mulher dos Caretas, e se insinua para os homens espectadores, e quando isso ocorre, os Caretas correm para açoitá-lo o homem escolhido por ela. Para os participantes, a Catita tem que parecer sensual e apresentar movimentos inusitados e engraçados, ou seja,

deve demonstrar atitude.

Outro personagem é a “Égua” feita com um crânio de animal, geralmente de cavalo ou boi, articulado com arame na mandíbula e fixado num cabo de vassoura, sendo um animal que percorre toda quinta e se dirige ao público para assustar. Segundo Durand, “O animal apresenta-se como um abstrato espontâneo, o objeto de uma assimilação simbólica, como mostra a universalidade e a pluralidade da sua presença tanto numa consciência civilizada como na mentalidade primitiva” (2002, p.70.). Assim sendo, a presença do animal na representação dos Caretas é justificada, pelos organizadores do festejo, apenas como uma alegoria que provoca medo e riso nas pessoas, no entanto, a personagem não foi construída como as máscaras, é a caveira de um animal já morto e aparece montado pelo homem e que lhe atribui uma significação própria da consciência civilizada. A metáfora é indiscutível, os animais são seres subordinados e, como tais, estão sujeitos à dominação, exploração e morte, por isso são úteis para representar culturalmente essas ações indesejáveis.

Outro personagem que aparece no cenário dramático dos Caretas é o Fantasma, também chamado de espantalho, os seus movimentos são extremamente simpáticos e aparece sempre com um largo sorriso no rosto, interagindo com o público de forma brincalhona, sendo um mascarado que não assusta, mas que diverte. A máscara deste personagem cabe perfeitamente na descrição de Bakhtin:

A máscara traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo; a máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos; a máscara encarna o princípio de jogo de vida, está baseada numa peculiar inter-relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas dos ritos e espetáculos.(2002, p.35).

A alegria é essência da festa dos Caretas, as cantigas de roda e brincadeiras de infância embalam crianças e adultos nos momentos que antecedem a hora da chegada dos mascarados, que somente entram em cena quando são chamados pelo Enfrentante, que coordena a festa.

Quando chamados, os Caretas entram trazendo consigo as suas “pinholas”, estalando-as como se fossem chicotes, e aterrorizando o público ao som de uma cuíca rústica afinada no fogo. A festa entra pela madrugada com os mais corajosos enfrentando os Caretas e sendo açoitados, alguns conseguem sair triunfantes, outros apenas apanham dos Caretas.

Muita alegria e descontração marcam essa festa de tradição secular preservada em Lizarda.

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 5. ed. São Paulo: Hucitec/AnnaBlume, 2002. DURAND, Gilbert. As faces do tempo, em As estruturas antropológicas do imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PAULINO, Rogério Lopes da Silva. As Máscaras dos Palhaços da Folia de Reis: Imagens e Ações do Mal no Catolicismo Popular Brasileiro. São Paulo: UNICAMP, 2008.

PEREIRA, Benjamim. Máscaras portuguesas. Lisboa: Museu de Etnologia do Ultramar, 1973.

RAPOSO, Paulo. Máscaras, Desempenho e Tradição: identidades locais e contextos globais. Etnográfica, IX, 2005. pp.49-64.

Santos, Milton. O Espaço do Cidadão. São Paulo: Nobel, 1987.

Souza Filho, Joaquim Pereira de. Diagnostico Sócio Econômico - Administrativo do Tocantins, 1990.

MELOPEIA E TRADUÇÕES

ON CLOUD NINE / THE HAPPIEST ONE

I can get no sleep,
I ran out of time,
I've only got eyes for you.
For long enough haven't I seen a blank page,
Neither strength, nor redemption or love.
That, by right.
For the rest you can find a way,
Let spring come now.
It was lack of daring,
But if my chest is torn,
Everything will end up in red,
And there I come again.
I had no plan,
I had no glory,
But I dreamed your best dream.
I had your hand
And now your mother also
Wants to see the man in me.
I've seen myself so sad,
A fool is the one who insists
In being so satisfied.
It was lack of daring,
But if my chest is torn,
Everything will end up in red,
And there I come again.
I'm on cloud nine! It is me!
With everything exposed in my hands!
Me, the happiest one!
With everything exposed in my hands!

O MAIS FELIZ DA VIDA

Eu não tenho sono,
eu não tenho tempo
Eu só tenho olhos pra você.
Há tempos eu não via página em branco
Força, redenção e amor.
Isso por direito.
Pro resto dá-se um jeito,
Que venha a primavera agora.
Faltava ousadia,
mas se rasga o peito,
Acaba tudo em vermelho
e lá fui eu.
Eu não tive plano,
eu não tive glória,
Mas sonhei o seu melhor sonho.
Tive sua mão
e agora sua mãe
Também quer ver o homem em mim.
Já me vi tão triste,
tolo é quem insiste
Estar assim tão satisfeito.
Faltava ousadia,
mas se rasga o peito,
Acaba tudo em vermelho
e lá fui eu.
O mais feliz da vida! Sou eu!
Com tudo exposto nas mãos!
Eu, o mais feliz da vida!
Com tudo exposto nas mão



Versão em inglês da canção "O mais feliz da vida", de Rodrigo Lemos, gravada pela Banda Mais Bonita da Cidade, em 2013. Tradução livre por Jack Barbosa.

Jack Barbosa - Mestre em Linguística e professor de Língua Inglesa do Curso de Letras da Unirg e da Academia de Inglês Washington de Gurupi.

CURIOSIDADES LITERÁRIAS



Manoel de Barros

Seu primeiro livro não era de poesia, e teria se perdido em razão de uma confusão com a polícia. Quando vivia no Rio de Janeiro, aos 18 anos, tendo entrado para a União da Juventude Comunista, grafitou as palavras “Viva o Comunismo” em uma estátua. Quando a polícia foi buscá-lo na pensão onde morava, a dona do estabelecimento pediu para “não prender o menino, tão bom que até teria escrito um livro, chamado “Nossa Senhora de Minha Escuridão””. Tendo o policial que comandava a operação se sensibilizado, o poeta não foi preso, mas a polícia levou o seu livro.

Hilda Hilst

Hilda Hilst tinha um pai que sofria de esquizofrenia, foi internado em um sanatório aos 35 anos de idade. Passou por diversos sanatórios para doentes mentais até o fim de sua vida. A mãe de Hilst contou sobre a condição de seu pai, ela foi visitá-lo pela primeira vez, e sua loucura a deixou perturbada. As visitas ao seu pai lhe impactaram a mente e promoveram o surrealismo em sua escrita.





Castro Alves

O “Poeta dos Escravos”, como ficou conhecido Castro Alves em função de suas poesias de cunho abolicionista, em 1869, acidentalmente, durante uma caçada, deu um tiro no pé esquerdo, que precisou ser amputado. Com a saúde frágil desde os 17 anos, devido à tuberculose, não conseguiu vencer a doença e morreu em 6 de julho de 1871, com 24 anos de idade, deixando inacabado o seu livro Os escravos.

Álvares de Azevedo

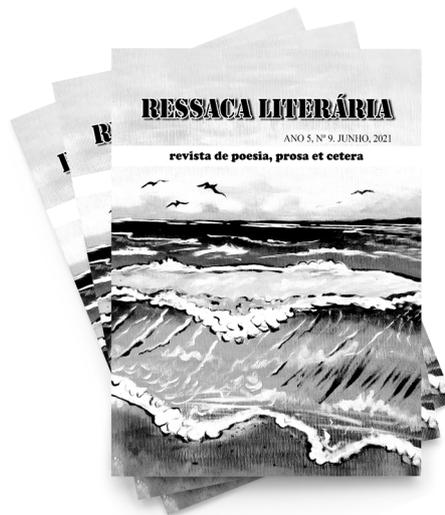
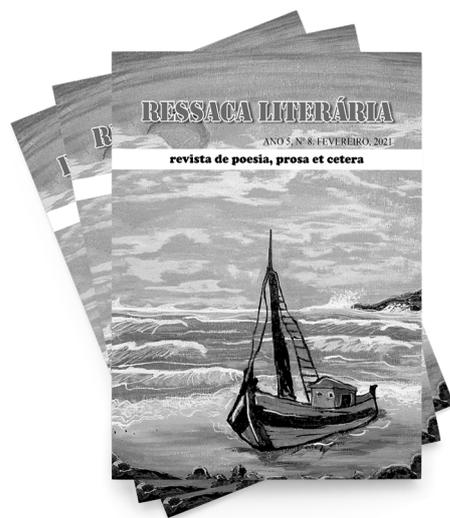
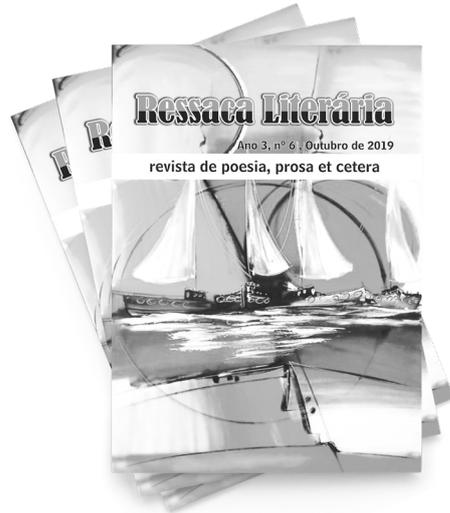
Em 1848, com apenas 17 anos, matriculou-se no curso de Direito da Faculdade de Direito de São Paulo, destacando-se pelo seu brilhantismo e engajamento.

Fundou a “Revista Mensal da Sociedade Ensaio Filosófico Paulistana”, em 1849. Em 1851, o poeta sofreu uma queda de cavalo, evento que favoreceu o aparecimento de um tumor na fossa ilíaca e, conseqüentemente, da tuberculose pulmonar, doença que o acompanhou até o final da vida.

Curioso notar que um mês antes de sua morte, ele escreveu o poema intitulado “Se eu morresse amanhã”. A produção foi lida no dia do seu enterro pelo literato Joaquim Manuel de Macedo.



EDIÇÕES ANTERIORES





ISBN: 978-65-00-30017-8

CDL



9 786500 300178